



# contos de AMBROSE BIERCE

TRADUÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS DE  
*José Manuel Lopes*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



## ÍNDICE

<b>9</b>	PREFÁCIO
<b>11</b>	UMA OCORRÊNCIA NA PONTE DO RIO DO MOCHO
<b>23</b>	UM CAVALEIRO NO CÉU
<b>31</b>	UMA AVENTURA EM BROWNSVILLE
<b>43</b>	VIGIAR UM MORTO
<b>57</b>	UM CONTEXTO APROPRIADO
<b>67</b>	OS OLHOS DA PANTERA
<b>79</b>	NUMA NOITE DE VERÃO
<b>81</b>	DIAGNÓSTICO DE UMA MORTE
<b>86</b>	O MESTRE DE MOXON
<b>98</b>	OCORRÊNCIAS NOCTURNAS NA RAVINA DO MORTO
<b>108</b>	DO OUTRO LADO DA PAREDE
<b>119</b>	O DEDO MÉDIO DO PÉ DIREITO
<b>130</b>	O RELÓGIO DE JOHN BARTINE
<b>138</b>	ALGUMAS CASAS ASSOMBRADAS
	<ul style="list-style-type: none"><li>• A Ilha dos Pinheiros</li><li>• Uma Tarefa Infrutífera</li><li>• Uma Trepadeira sobre Uma Casa</li><li>• Em Casa do Velho Eckert</li><li>• A Casa dos Fantasma</li><li>• Os Outros Hóspedes</li><li>• A Coisa em Nolan</li></ul>



<b>164</b>	<b>DESAPARECIMENTOS MISTERIOSOS</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• A Dificuldade em Atravessar Um Campo</li><li>• Uma Corrida Que nunca Chegou a Acabar</li><li>• O Caminho de Charles Ashmore</li><li>• Levante-se a Ciência</li></ul>
<b>172</b>	<b>UMA CAMPA SEM FUNDO</b>
<b>181</b>	<b>CADÁVERES</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• O da Avozinha Magone</li><li>• Alguém com o Sono Leve</li><li>• O Mistério de Charles Farquharson</li><li>• Morto e Desaparecido</li><li>• Uma Noite Fria</li><li>• Uma Criatura de Hábitos Regulares</li></ul>
<b>192</b>	<b>O MEU ASSASSÍNIO FAVORITO</b>
<b>202</b>	<b>ÓLEO DE CÃO</b>
<b>207</b>	<b>HOMEM AO MAR</b>
<b>218</b>	<b>O VIÚVO TURMORE</b>
<b>225</b>	<b>VISÕES DA NOITE</b>
<b>232</b>	<b>NOTAS ACERCA DAS PUBLICAÇÕES ORIGINAIS</b>







## PREFÁCIO

**N**ASCIDO NO OHIO EM 1842, AMBROSE BIERCE, VULGARMENTE APODADO DE «*Bitter Bierce*», o «Amargo Bierce», dado o seu sarcasmo e o seu humor negro, alistou-se no Exército Unionista em 1862, como primeiro-tenente, durante a Guerra Civil Americana, para mais tarde se mudar para São Francisco onde exerceu uma carreira de jornalismo. Bierce é sobretudo conhecido pelo seu *Dicionário do Diabo* [*The Devil's Dictionary*] (1911) e pelos seus contos, dos quais aqui editamos uma alargada selecção. Em 1913, já com setenta e um anos, Bierce decide fazer uma viagem pelos locais onde lutara durante a Guerra Civil. Assim, visita o Texas e a Luisiana, atravessando, em Dezembro desse mesmo ano, a fronteira em El Passo, para se juntar às tropas mexicanas de Pancho Villa. Após uma breve estadia no México, Bierce desaparece misteriosamente, nunca tendo sido descoberta o seu corpo. Há quem sugira que ele terá sido executado por um pelotão militar, tal como há quem especule acerca de um misterioso suicídio.

A sua carreira literária, no entanto, surpreende-nos pelo que revela de inovador a nível do conto. Deste modo, o primeiro que aqui apresentamos (talvez o mais famoso e mais citado de toda a sua obra), centrado nas experiências do autor durante a Guerra Civil, «Uma Ocorrência na Ponte do Rio do Mocho» mostra-nos uma estrutura narrativa bastante sofisticada que só iremos conhecer quando das primeiras obras ficcionais do Modernismo. Muitos dos contos deste autor lidam com o absurdo, com a ironia e com o fantástico. Este, porém, não se manifesta como nos contos gótico-barrocos de Lovecraft, surge mais ligado a certas tradições orais e tradicionais (como no caso das histórias seleccionadas do livro *Can Such Things Be?*, 1893; se bem como nas histórias



que fazem parte das secções *Algumas Casas Assombradas e Desaparecimentos Misteriosos*), ora evoca o absurdo que, mais tarde, irá caracterizar os contos de Lord Dunsany. É curioso notar que num conto como «Visões da Noite», uma obra onde se misturam a ficção e o ensaio, se lêem já passagens que nos evocam os textos surrealistas dos anos 20 e 30 do século xx.

Sem dúvida, ao sabotar certas tradições burguesas e os bons costumes puritanos com afirmações que tentam minar a eterna hipocrisia da moralidade americana, Bierce revela-se como um precursor de muitas tendências literárias que lhe irão suceder até ao advento do Pós-Modernismo.

*José Manuel Lopes*

VAU-ÓBIDOS, 2010



## UMA OCORRÊNCIA NA PONTE DO RIO DO MOCHO

### I

UM HOMEM ESTAVA DE PÉ NUMA PONTE DE CAMINHO-DE-FERRO DO Alabama, olhando para as águas que corriam cerca de dez metros mais abaixo. Tinha as mãos atrás das costas e os pulsos atados. Em volta do pescoço tinha uma corda com um nó corredio. Esta estava presa a uma grossa travessa de madeira por cima da sua cabeça, e a folga da mesma descia-lhe até aos joelhos. Algumas tábuas soltas, colocadas sobre as chulipas que suportavam a parte metálica da linha, serviam-lhe de apoio, a ele e aos seus carrascos: dois soldados rasos do Exército Federal, comandados por um sargento que, na sua vida civil, poderia ter sido delegado ou xerife. Não muito longe dessa plataforma improvisada, via-se um homem armado com o uniforme do seu posto. Tratava-se de um capitão. Uma sentinela, em cada extremo dessa ponte, segurava a espingarda na posição de «sentido», ou seja verticalmente, em frente do ombro esquerdo, com a mão apoiada no cão e o braço atravessado horizontalmente sobre o peito. Consistia esta uma posição forçada e sem qualquer naturalidade, que reforçava uma postura erecta do corpo. Pareceria que não seria da conta desses dois homens saber o que se estava a passar a meio da ponte. Bloqueavam apenas as duas extremidades de uma estreita passagem para peões que a atravessava.

Para lá de uma das sentinelas, não se via ninguém. O caminho-de-ferro, durante uns cem metros, seguia em linha recta por uma floresta. Mais adiante, após uma curva, deixava de se ver. Sem dúvida, haveria um posto avançado mais à frente. A outra margem do rio era terreno aberto, uma suave elevação com uma paliçada de troncos de árvores verticais, com buracos e aberturas para as espingardas e um único intervalo, pelo qual se projectava a boca de um canhão de bronze que dominava a ponte.



A meio caminho, na encosta entre esta e o forte, alinhavam-se os espectadores, formando uma companhia de infantaria, na posição de «descansar», com as culatras das espingardas no chão, os canos ligeiramente inclinados para trás, contra o ombro direito, e as mãos cruzadas sobre a cartucheira. À direita desse alinhamento via-se um tenente, com a ponta da espada apoiada no solo e a mão direita a descansar sobre a esquerda. À excepção desse grupo de quatro a meio da ponte, mais nenhum homem se mexia. Toda a companhia estava voltada para a ponte, olhando fixa e apaticamente para a mesma, sem se mexer. As sentinelas, voltadas para as margens desse rápido curso de água, poderiam ter sido estátuas embelezando a ponte. O capitão estava aí de pé, em silêncio, a observar o trabalho dos seus subordinados, mas sem fazer qualquer gesto. A morte é uma dignitária que, ao ser anunciada, deve ser recebida com visíveis manifestações de respeito, mesmo por parte daqueles mais familiarizados com ela. No código da etiqueta militar, a imobilidade e o silêncio são interpretados como formas de respeito.

O homem que estava a braços com o seu próprio enforcamento teria, aparentemente, uns trinta e cinco anos. Seria talvez um civil, a julgar pela roupa que trazia vestida e que era a de um senhor de uma plantação. Tinha feições que inspiravam simpatia: um nariz direito, uma boca firme, uma testa ampla, a partir da qual o seu cabelo escuro se encontrava penteado para a nuca, caindo-lhe por detrás das orelhas até à gola da sobrecasaca cintada. Tinha bigode e pêra em bico, porém, não usava suíças. Os olhos eram grandes e cinzento-escuros, e tinham uma expressão afável que talvez nunca pudéssemos esperar de uma pessoa com a corda no pescoço. Era óbvio que não se trataria de um simples assassino. O código militar liberal prevê o enforcamento de quase todo o tipo de pessoas, e os cavalheiros não são excluídos.

Acabados estes preparativos, os dois soldados rasos desviaram-se e cada um afastou a grossa tábua em que estivera de pé. O sargento voltou-se para o capitão, fez-lhe continência, e imediatamente se colocou por detrás desse oficial que, por sua vez, deu um passo ao lado. Todos estes movimentos acabaram por deixar o



homem condenado e o sargento, ambos de pé, sobre as pontas da mesma trave de madeira, apoiada sobre três vigas transversais da ponte. A ponta onde se encontrava esse civil quase tocava numa quarta. Essa tábua mantivera-se no seu lugar devido ao peso do capitão e encontrava-se agora segura pelo sargento. A um sinal do primeiro, este último desviar-se-ia, a tábua ficaria inclinada e o condenado acabaria por cair entre duas vigas. Esse arranjo afigurava-se-lhe como algo simples e objectivo. O seu rosto não fora coberto nem os olhos vendados. Reparou por momentos nesse «apoio precário» para deixar que o seu olhar se perdesse em seguida no redemoinhar da água do rio, que corria como louca por baixo dos pés dele. Um pedaço de madeira à deriva chamou-lhe a atenção e os olhos seguiram-no ao longo da corrente. Quão se movia tão devagar! Quão era indolente esse rio!

Fechou então as pálpebras para melhor poder focar os seus derradeiros pensamentos na mulher e nos filhos. A água, tingida de ouro pelo Sol nascente, a névoa ainda agarrada às margens do rio um pouco mais abaixo, o forte, os soldados, esse pedaço de madeira à deriva, tudo isso acabara por distraí-lo. E agora apercebia-se de uma nova perturbação. Ressoando através dos seus pensamentos acerca dos entes queridos, ouviu um som que não era capaz de ignorar nem de perceber. Tratava-se de uma percussão seca, nítida, metálica, semelhante à martelada de um ferreiro numa bigorna, pois assim lhe soava. Pensou então no que poderia ser, se estaria muito distante ou mesmo ali ao pé, pois esse som parecia chegar-lhe de acordo com ambas as formas. Essa recorrência parecia-lhe agora regular, como sinos que tocassem a finados. Esperou por cada toque com impaciência e, ainda que não soubesse porquê, com uma certa apreensão. Os intervalos de silêncio tornavam-se-lhe progressivamente mais longos e toda a espera insuportável. Com a sua grande e característica infrequência, esses sons iam aumentando em força e nitidez. Doíam-lhe no ouvido como o golpe de uma navalha, e ele receou ter de começar a gritar. O que ele ouvia, afinal, era tão-só o tiquetaque do relógio de bolso.

Deixou de fechar os olhos e viu de novo a água por baixo dele. «Se pudesse ao menos libertar as mãos» pensou, «poderia



retirar do pescoço esta corda e atirar-me ao rio. Na água, teria a oportunidade de evitar as balas mergulhando um pouco mais fundo e, ao nadar com toda a minha força, alcançar uma margem, embrenhar-me nos bosques e fugir até casa... Graças a Deus que a minha casa ainda fica para lá das linhas deles...

A minha mulher e os pequenos ainda se encontram bem longe do posto avançado do invasor.»

Enquanto estes pensamentos, que aqui têm que ser registados através de palavras, perpassaram através da mente desse condenado (em vez de serem produzidos pelo mesmo), o capitão acenou afirmativamente para o sargento e este deu um passo ao lado.

## II

**P**EYTON FARQUHAR ERA UM PLANTADOR ABASTADO, DE UMA VELHA E respeitável família do Alabama. Sendo dono de vários escravos e, tal como outros na sua situação, sendo também um político, era, como seria de se esperar, um secessionista genuíno, inteiramente dedicado à causa sulista. Circunstâncias de uma natureza premente, que não merecerão aqui ser relatadas, tinham-no impedido de se alistar no heróico exército que lutara nas desastrosas campanhas a que a queda de Corinth iria pôr termo, e ele ficava sempre muito irritado com essa ingloria restrição, no anseio de dar azo às suas energias, poder ter uma vida de soldado e uma oportunidade para se distinguir. Essa oportunidade, segundo lhe parecia, iria chegar, como iria chegar a todos em tempo de guerra. Entretanto, foi fazendo o que podia. Nenhum trabalho era demasiado insignificante para ele, sempre que se tratava de ajudar o Sul; nem nenhuma aventura suficientemente perigosa logo que se coadunasse com o carácter de um civil que levava as tarefas militares muito a peito, e que, de boa-fé e sem excessivas limitações, concordava, pelo menos em parte, com o adágio francamente revoltante de que tudo deveria ser permitido na guerra e no amor.



Num fim de tarde, em que Farquhar e a mulher estavam sentados num banco rústico perto da entrada da sua propriedade, um soldado com uma farda cinzenta veio a cavalo até ao portão para pedir um copo de água. A Sr.<sup>a</sup> Farquhar sentiu-se contente por poder servi-lo com as suas mãos muito brancas. Ora, enquanto ela tinha ido buscar a água, o marido aproximara-se desse cavaleiro empoeirado, perguntando-lhe com insistência e interesse por notícias da frente militar.

— Os ianques estão a reparar as linhas de caminho-de-ferro — informou o soldado — e estão a preparar-se para um novo avanço. Já chegaram à ponte do Rio do Mocho, já a repararam e construíram uma paliçada ao longo da margem norte. O comandante decretou uma ordem que está afixada por todo o lado, declarando que qualquer civil que seja apanhado a sabotar o caminho-de-ferro, as pontes, os túneis ou os comboios, será enforcado sumariamente. Eu próprio vi essa ordem.

— E qual a distância até à ponte do Rio do Mocho? — perguntou Farquhar.

— Cerca de cinquenta quilómetros.

— E não existem tropas deste lado do rio?

— Apenas um piquete estacionado junto à linha, a menos de um quilómetro, e uma única sentinela à estrada da ponte.

— Suponha que um homem, um civil que não se importasse de se candidatar à força, conseguia passar sem ser visto por esse piquete e talvez dominar a sentinela — observou Farquhar, com um sorriso. — As coisas que ele poderia fazer...

O soldado reflectiu.

— Eu estive lá há coisa de um mês — confessou. — Observei que as cheias do Inverno passado tinham acumulado uma quantidade de troncos e de ramos de árvores contra o pilar de madeira do lado de cá da ponte. Ora, a madeira está agora toda muito seca e arderia que nem estopa.

A senhora aproximava-se agora com o copo de água que o soldado se apressou a beber. Este agradeceu-lhe com uma certa cerimónia, fez uma vénia ao marido e seguiu caminho. Uma hora mais tarde, já a noite tinha caído, esse homem tornou a passar



pela plantação, rumo ao Norte, ou seja, na direcção de onde viera. Tratava-se de um batedor do Exército Federal.

### III

**Q**UANDO PEYTON FARQUHAR CAIU ATRAVÉS DO TRAVEJAMENTO DA ponte, perdeu a consciência e encontrava-se já quase como morto. Foi acordado desse estado (muitos anos mais tarde, segundo lhe pareceu) pela dor causada por uma pressão forte na garganta, a que se somava uma sensação de asfixia. Essa dor aguda e pungente percorria-o desde o pescoço até à mais ínfima fibra do corpo e dos membros. Esse latejar doloroso parecia repercutir-se ao longo de linhas e ramificações bem definidas. Era como um desencadear de riachos de fogo pulsante que lhe elevavam a temperatura a um ponto insuportável. Na sua mente, não estava consciente de nada senão de um sentido de enfartamento, de congestão. Estas sensações não eram acompanhadas de raciocínios. A parte intelectual do seu ser já não existia. Farquhar retinha tão-só o poder de sentir, e isso era excruciante. Estava consciente de um certo movimento. Mergulhado numa nuvem luminosa da qual era apenas um coração incendiado, sem substância material, continuava pendurado e a oscilar, descrevendo curvas incríveis, como um vasto pêndulo. Então, num repente terrível, a luz que o envolvia pareceu elevar-se, acompanhada pelo som de uma queda na água. Sentia um troar ameaçador nos ouvidos e tudo à sua volta se tornara gelado e escuro. Só então conseguiu reaver o pensamento. Sabia que a corda se tinha partido e que ele caíra ao rio. Mas não se dava conta de qualquer estrangulamento adicional. O laço apertado em volta do pescoço ainda o estava a sufocar, porém, evitava que a água lhe inundasse os pulmões. Morrer enforcado no fundo de um rio!... A ideia afigurava-se-lhe ridícula. Abriu os olhos nessa escuridão e reparou num charco de luz por cima dele, contudo, demasiado longínquo, inacessível... Ainda se estaria a afundar, pois essa luz tornava-se cada vez mais fraca até ele mal poder vislumbrá-la. Só depois da mesma ter começado a



aumentar e a adquirir um brilho mais intenso é que reparou que já estava a subir para a superfície. Apercebeu-se disso com uma certa relutância, pois sentia um profundo bem-estar. «Ser enforcado e depois afogar-me... mas não era assim tão mau» pensou. «No entanto, não quero ser morto a tiro, não mereceria uma coisa dessas...»

Não tinha consciência de se estar a esforçar, mas uma dor aguda nos pulsos fez com ele se apercebesse de que estava a tentar libertar as mãos. Dava a essa luta a mesma atenção com que um basbaque poderia ter observado um malabarista, sem se importar muito com o resultado. Que esplêndido esforço! Que força magnífica e sobre-humana! Ah, tratava-se de algo digno de ser visto! Bravo! A corda desprendeuse, os seus braços abriram-se enquanto ele ia subindo, as mãos tornavam-se-lhe agora vagamente visíveis contra a luz cada vez mais intensa. Olhou para elas com um renovado interesse, logo que uma e depois outra se agarraram ao laço em redor do pescoço. Foram elas que o desapertaram e o arremessaram violentamente para longe, fazendo com que esse mesmo laço ondulasse como uma cobra-d'água. «Voltem a pô-lo no lugar, voltem-me a pô-lo!», pensou ele gritar para as suas mãos, visto o desapertar desse pedaço de corda ter dado lugar à dor mais terrível que até então o assaltara. O pescoço doía-lhe horripelantemente, sentia o cérebro arder, e o coração que até esse momento batera muito fraco, deu um salto, como se lhe fosse saltar pela boca. Todo o seu corpo foi atormentado e percorrido por uma contorção insuportável! Todavia, as suas mãos desobedientes ignoravam essa ordem. Espadanavam vigorosamente nas águas, com rápidas braçadas por baixo do corpo, forçando-o a permanecer à superfície. Sentiu a cabeça emergir e os olhos cegos pela luz do Sol. O peito expandia-se-lhe convulsivamente e, com uma suprema agonia, que até aí não sentira, os seus pulmões não tardaram a engolir uma funda golfada de ar, que ele se apressou a expelir com um grito.

Estava agora em plena posse dos seus sentidos físicos. Estes estavam de facto aguçados, presos de uma atenção sobrenatural. Algo na terrível perturbação do seu sistema orgânico os tinha de



tal modo aperfeiçoado e agudizado que estes acabavam por registar detalhes nunca antes percebidos. Sentia a levíssima ondulação contra o rosto e ouvia os sons distintos que esta fazia ao atingi-lo. Olhou para a floresta na margem do rio, viu cada árvore em particular, as folhas e os veios em cada uma delas, até mesmo os insectos que aí se pousavam: os gafanhotos, os moscardos de metálicos tons brilhantes, as aranhas cinzentas que estendiam as teias de galho em galho. Deu-se conta das cores prismáticas das gotas de orvalho sobre miríades de folhas de erva. O zumbir dos mosquitos que dançavam sobre os remoinhos da corrente, o bater das asas das libelinhas, os movimentos das patas das aranhas-de-água, como remos que impulsionassem um barco, tudo isso ia criando uma música audível. Um peixe dardejou-lhe sob os olhos e ele conseguiu ouvir a velocidade do seu corpo cortando a água.

Viera à superfície com o rosto na direcção da corrente. Num preciso instante, o mundo visível pareceu girar muito lentamente, com se ele fosse o ponto central. Então viu a ponte, o forte, os soldados em cima dessa mesma ponte, o capitão, o sargento, os dois soldados rasos, os que o tinham executado. Todos se desenhavam em silhueta contra o céu azul, a gritar, a gesticular e a apontar para ele. O capitão empunhara a pistola mas não tinha disparado; os outros não estavam armados. Os movimentos deles eram grotescos e horríveis e as suas formas gigantescas.

De súbito, ouviu uma distinta detonação e algo que atingiu a água precisamente a alguns centímetros da sua cabeça, salpicando-lhe o rosto de pulverizados esguichos. Ouviu um segundo tiro e viu uma das sentinelas com um rifle ao ombro, com uma ligeira nuvem de fumo azul a elevar-se do cano. O homem na água observou os olhos do homem na ponte, fixos nos seus, através da mira dessa arma. Pôde dar-se conta de que esses olhos eram cinzentos e lembrou-se de ter lido que esses eram os mais perspicazes e que todos os atiradores famosos os tinham dessa cor. No entanto, esse indivíduo tinha falhado o alvo.

Uma contracorrente apanhara Farquhar fazendo-o dar meia-volta. Ele estava de novo a olhar para a floresta na margem



oposta ao forte. O som de uma voz alta e clara, numa cantilena monótona, soou então por detrás dele e repercutiu-se através da água com um som que obliterou e dominou todos os outros, até mesmo os das ténues ondas contra os seus ouvidos. Embora não fosse soldado, frequentara suficientes acampamentos militares para conhecer o tremendo significado desse aspirado modo de cantar, deliberadamente arrastado. O tenente, que se encontrava na margem, tomava parte nessas tarefas matinais. Que frieza e impiedade, com que entoação calma e constante advertia e impunha calma aos seus homens com que intervalos cuidadosamente planeados soavam essas palavras cruéis:

— Atenção, companhia!... Ombro, arma!... Preparar!... Apon-  
tar!... Fogo!

Farquhar mergulhou, mergulhou o mais fundo que podia. A água rugia nos seus ouvidos como a voz do Niágara, contudo, ouviu o estrondo surdo da descarga e, subindo uma vez mais à superfície, reparou nos brilhantes pedaços de metal, estranhamente lisos, que oscilavam lentamente para o fundo. Alguns deles tocaram-lhe no rosto e nas mãos, para em seguida se começarem a afundar. Um deles alojara-se-lhe entre o colarinho e o pescoço. Estava excessivamente quente e ele retirou-o.

Ao vir à superfície para tomar fôlego, reparou que estivera mergulhado durante muito tempo, pois encontrava-se mais abaixo na corrente, já em vias de se salvar. Os soldados quase já tinham terminado de recarregar. As varetas de metal das espingardas brilharam simultaneamente à luz do Sol, ao serem retiradas dos canos, deram uma volta no ar e voltaram a ser embainhadas. As duas sentinelas dispararam novamente, mas uma após a outra e sem eficácia.

O homem perseguido viu tudo isso por cima do ombro. Estava agora a nadar vigorosamente a favor da corrente. O cérebro era-lhe tão enérgico quanto os braços e as pernas, e conseguia pensar com a rapidez de um relâmpago.

«O oficial não voltará a repetir esse seu erro de mandão» pensou. «É fácil evitar uma descarga quando se trata de um único tiro. Talvez já tivesse dado o comando para disparar à vontade. Deus me ajude... pois não poderei evitá-los a todos!»



Um enorme estrondo, a dois metros dele, foi seguido por um som alto e apressado que ia diminuindo e que pareceu regressar ao forte e morrer numa explosão que abalou todo o rio até às suas partes mais profundas! Um alto jacto de água levantou-se, encurvando-se e abatendo-se sobre ele, cegando-o e sufocando-o! O canhão decidira entrar em acção. Quando conseguiu sacudir e desviar a cabeça da confusão causada por esse tumulto na água, ouviu o tiro deflagrado zumbir pelo ar, diante de si, e um instante depois, partir e esmagar os ramos da floresta mais ao longe.

«Não irão fazer isto novamente» pensou, «da próxima vez irão usar uma carga de metralha. Tenho de manter os olhos nesse canhão, o fumo avisar-me-á... O estrondo chega mais tarde, depois do projectil... É um bom canhão.»

De súbito, sentiu que estava no meio de um remoinho, rodopiando como um pião. A água, as margens, a floresta, a ponte agora muito nítida, o forte, os homens, tudo se fundia numa mancha esbatida e baça. Os objectos estavam apenas representados através das suas cores, através de riscos coloridos circulares e horizontais. Era tudo o que ele conseguia ver. Fora apanhado num sorvedouro e continuava a girar com tal velocidade e sempre à volta, que acabara por ficar tonto e agoniado. Não demorou muito até ser atirado contra o cascalho, na base da margem esquerda do rio (a margem sul) e por detrás de uma saliência que o ocultava dos seus inimigos. A paragem súbita do seu movimento e o raspar de uma das suas mãos pela areia grossa acabaram por trazê-lo finalmente à vida, e ele chorou de prazer. Enterrou os dedos na areia, atirou-a para cima dele às mãos-cheias e abençoou-a em voz alta. Parecia-lhe feita de diamantes, rubis, esmeraldas; não se conseguia lembrar de nada mais bonito a que ela se não pudessem assemelhar. As árvores junto à margem eram gigantes-cas plantas de jardim. Deu-se conta de uma ordem específica no seu arranjo e respirou a fragrância das suas flores. Uma estranha luz rósea brilhava através dos intervalos entre os troncos e o vento inventava nos seus ramos a música de harpas eólicas. Ele não desejava prosseguir na sua fuga. Estava contente por permanecer nesse local encantado até que o voltassem a capturar.



Um assobio e um matraquear de metralha por entre os ramos, muito acima da sua cabeça, acordaram-no desse sonho. O homem que disparava o canhão, já frustrado, disparara ao acaso, em jeito de despedida. Pôs-se então de pé, apressou-se a subir a margem íngreme e mergulhou na floresta.

Viajou durante todo o dia, orientando-se pela trajectória do Sol. A floresta parecia-lhe interminável e em nenhum lugar descobrira ele uma clareira, nem sequer um caminho de lenhador. Não tinha tido antes conhecimento de que vivia numa região tão selvagem, e havia algo de intrigante e misterioso nessa revelação.

Ao cair da noite, sentia-se exausto, esfomeado e com os pés doridos. Só o pensar na mulher e nos filhos o impelia a continuar. Por fim, encontrou uma estrada que o conduziria no que ele sabia ser a direcção certa. Era tão recta e larga como uma rua citadina, todavia, parecia-lhe que ninguém passara por ela. nenhuns campos cultivados eram visíveis nas suas margens nem se avistavam habitações. Nem mesmo o ladrar de um cão sugeria aí uma presença humana. Os corpos negros das árvores formavam uma linha ininterrupta de ambos os lados, terminando num ponto no horizonte, como um diagrama numa aula de perspectiva. Por cima dele, ao olhar através dessa abertura no bosque, brilhavam enormes estrelas douradas que ele não reconhecia e que se agrupavam em estranhas constelações. Tinha a certeza de que se encontravam dispostas de acordo com uma certa ordem, o que pressupunha um significado secreto e maligno. O bosque, de ambos os lados, enchia-se de curiosos ruídos, entre os quais (uma, duas e mais vezes) ele ouvia certos sussurros numa língua desconhecida.

Sentia uma dor no pescoço e, ao levantar a mão para o apalpar, reparou que este se encontrava tremendamente inchado. Sabia que deveria ter um traço negro no sítio onde a corda o apertara. Sentia os olhos congestionados e já não os conseguia fechar. Tinha a língua inchada de sede, e aliava-lhe a febre estendo-a através dos dentes e expondo-a ao ar frio. Com que suavidade a relva formara um tapete macio através dessa avenida deserta, até ele não sentir mais o caminho por baixo dos pés!



Decerto, apesar do seu sofrimento, teria adormecido enquanto caminhava, pois agora deparava-se com um outro cenário, ou talvez acabasse de se restabelecer de um delírio. Estava agora diante do portão da sua casa. Tudo aí se encontra tal como ele o deixara, brilhante e cheio de beleza à lua do sol da manhã. Talvez tivesse caminhado durante toda a noite. Ao abrir o portão e ao percorrer o caminho branco e largo, repara num flutuar de vestes femininas. A sua mulher, com um ar doce e descansado, desce da varanda e vem ao seu encontro. Fica então à espera dele, ao fundo dos degraus, com um sorriso de inefável alegria, numa atitude graciosa e digna sem paralelo. Ah, como ela é bonita!... Ele dá então um salto em frente, com os braços estendidos. Ao sentir que a está a abraçar, sente um golpe formidável na nuca. Uma luz branca cega-o e incendeia tudo à sua volta, com um som semelhante ao troar de um canhão. Depois, tudo é escuridão e silêncio.

Peyton Farquhar estava morto. O seu corpo, com o pescoço partido, oscilava suavemente de um lado para o outro por baixo das traves da ponte do Rio do Mocho.



## UM CAVALEIRO NO CÉU

### I

**N**UMA ENSOLARADA TARDE DE OUTONO, DO ANO 1861, UM SOLDADO estava estendido numa pequena mata de loureiros na margem de uma estrada na Virgínia Oeste. Estava de bruços, com os pés equilibrados nas pontas e a cabeça pousada no antebraço esquerdo. A sua mão direita, estendida, parecia ter largado a espingarda. Se não fosse a disposição específica dos membros e um pequeno movimento rítmico da cartucheira, na parte de trás do cinturão, poder-se-ia pensar que estava morto. Dormia no seu posto. Mas, se o detectassem, não demoraria muito até que o abatessem, sendo a morte a penalidade justa e legal para o seu crime.

A mata de loureiros em que esse criminoso estava escondido ficava a um canto da estrada que, depois de ascender para sul muito abruptamente até esse ponto, voltava bruscamente para oeste, correndo junto ao topo por cerca de cem metros. Depois voltava a virar para sul, ziguezagueando através da floresta. Na saliência desse segundo canto havia um enorme rochedo plano que sobressaía, em direcção a norte, sobre um vale profundo do qual a estrada começava a subir. Esse rochedo coroava uma alta ravina, uma pedra que dele caísse tombaria uns bons trinta metros até acertar na copa dos pinheiros. O ângulo em que o soldado se encontrava situava-se numa outra saliência dessa mesma ravina. Se ele estivesse desperto, teria observado uma vista, não apenas desse braço curto de estrada e do rochedo saliente, mas do inteiro perfil da falésia um pouco mais abaixo. Talvez ficasse com tonturas ao avistar tudo isso.

Essa região estava coberta de bosques, excepto no fundo do vale, a norte, onde havia um prado natural, através do qual corria um ribeiro que a custo se avistaria desde a orla do vale. Esse



terreno aberto parecia pouco maior do que um pátio, mas na verdade, tinha uma superfície de vários acres. O verde desse prado era mais vivo do que o da floresta que o rodeava. Um pouco mais longe, erguia-se uma linha de gigantescas falésias semelhantes àquelas sobre as quais nos devemos encontrar de pé, observando essa indomada paisagem, através da qual a estrada tinha de algum modo conseguido subir até ao topo. De facto, a configuração desse vale era tal que, desde o presente ponto de vista, parecia inteiramente confinado, e poder-se-ia pensar de que modo a estrada que levava para fora dele encontrara maneira de aí penetrar, e de onde vinham e para onde iam as águas desse ribeiro que dividia o prado mais do que trinta metros mais abaixo.

Contudo, não haveria uma região difícil e inacessível que os homens não transformassem num teatro de guerra. Escondidos na floresta, ao fundo dessa ratoeira militar, na qual cerca de cinquenta homens, que dominavam as saídas, poderiam fazer com que todo um exército morresse de fome, havia cinco regimentos da Infantaria Federal. Tinham marchado durante todo o dia e noite anteriores, e agora estavam a descansar. Ao anoitecer, far-se-iam mais uma vez à estrada, ascenderiam até ao lugar onde essa sentinela pouco recomendável estava agora a dormir e, ao descerem a outra encosta, lançar-se-iam sobre o acampamento inimigo por volta da meia-noite. Punham muita esperança nessa surpresa, pois a estrada conduzia à parte de trás desse mesmo acampamento. Se falhassem, a posição deles tornar-se-ia imensamente perigosa, e decerto iriam ser malsucedidos, caso algum acidente ou alguma vigia notificasse o inimigo acerca desse movimento.

## II

**A** SENTINELA QUE ADORMECERA NESSA PEQUENA MATA DE LOUREIROS era um jovem da Virgínia chamado Carter Druse. Era filho único de pais abastados e conhecera muitas facilidades, a cultura e uma vida tão afluente quanto a riqueza e o gosto poderiam proporcionar na região montanhosa da Virgínia Oeste. A sua casa



não distava muitos quilómetros do lugar em que ele estava agora estendido. Numa manhã, levantara-se da mesa após o pequeno-almoço e dissera, em voz baixa mas com um tom grave:

— Pai, chegou um regimento unionista a Grafton. Vou alistar-me nele.

O pai ergueu a sua cabeça leonina, olhou por momentos muito calado para o filho e disse-lhe:

— Pois vai então, meu caro senhor e, não importa o que venha a acontecer, faz sempre o que achares ser o teu dever. A Virgínia, que estás agora a atraíçoar, terá de se desembaraçar sem ti. Se ambos estivermos vivos no final da guerra, voltaremos a falar acerca deste assunto. A tua mãe, tal como o médico já te informou, encontra-se num estado bastante crítico, quando muito só irá estar poucas semanas mais entre nós, mas esse tempo é precioso, seria bom não a enervares.

Então, Carter Druse, após ter feito uma reverente vénia ao pai, que lhe retribuiu a saudação com uma certa cortesia oficial com que pretendia disfarçar um coração destroçado, abandonou a casa da sua infância para se tornar soldado. Pela consciência e pela coragem, por actos de ousadia e devoção, em breve se tornou popular entre camaradas e oficiais, e fora com base nessas qualidades e no conhecimento que ele tinha dessa região que fora seleccionado para a sua perigosa missão nesse posto bastante afastado. Todavia, a fadiga fora mais forte do que a sua determinação e ele adormecera. Mas quem poderá dizer que anjo bom ou mau o veio despertar, num sonho, desse seu traíçoero desleixo? Sem um movimento, sem um som nesse profundo silêncio e na calma desse fim de tarde, algum mensageiro invisível do destino lhe tocara com o dedo nos olhos da consciência e lhe murmurara ao ouvido essa misteriosa palavra de despertar que nunca lábios humanos tinham pronunciado nem de que memória alguma se lembrava. Lentamente, levantou a testa do braço e olhou por entre a camuflagem dos ramos de loureiro, fechando instintivamente a mão em torno da coroa da sua espingarda.

A sua primeira sensação foi de um verdadeiro encanto artístico. Num colossal pedestal junto à escarpa, imóvel na extremi-



dade do rochedo superior e nitidamente desenhada contra o céu, via-se uma estátua equestre de impressionante dignidade.

A figura do homem enquadrava-se na figura do cavalo, muito direita e militar, mas com o repouso de um deus grego esculpido no mármore que limita a sugestão de actividade. A sua farda cinzenta parecia condizer com esse fundo aéreo, o metal do equipamento e do arnês era atenuado e disfarçado pela sombra. A pele do animal não revelava pontos de luz. Uma carabina de canos drasticamente serrados estava estendida na parte dianteira da sela, mantida nesse lugar pela mão direita que a sustinha pelo gatilho. A mão esquerda, segurando as rédeas, tornava-se invisível. Em silhueta contra o céu, o perfil do cavalo estava recortado com a perfeição de um camafeu, parecia olhar, através das camadas de ar, em direcção às escarpas mais adiante. O rosto do cavaleiro, um pouco voltado, revelava apenas os contornos de uma têmpora e um pedaço de barba. Ele estava a olhar para baixo, para o fundo do vale. Ampliado pela sua elevação contra o céu e pela sensação de testemunho do perigo de um inimigo tão próximo, o grupo parecia adquirir dimensões heróicas e quase colossais.

Por instantes, Druse teve uma estranha sensação: a de que dormira até ao fim da guerra e que estava agora a olhar para uma bela obra de arte, erigida naquele ponto elevado para comemorar os feitos de um passado heróico no qual ele acabara por ter uma inglória participação. Essa impressão foi afastada por um subtil movimento do grupo: o cavalo, sem mover os casacos, desviara um pouco o corpo do abismo, o homem permanecia imóvel como antes. Plenamente acordado e muito consciente da sua situação, Druse levou à face a coronha da espingarda, avançou cuidadosamente o cano da arma por entre os arbustos, inclinou-se um pouco mais e, olhando pela mira, apontou para o peito do cavaleiro. Um simples puxar de gatilho e tudo se teria resolvido para Carter Druse, mas, nesse momento, o cavaleiro voltou a cabeça, olhando na direcção desse inimigo escondido. Era como se ele lhe tivesse olhado de frente para o rosto, o tivesse fitado nos olhos, observado até o seu coração bondoso.

Mas será assim tão terrível matar um inimigo na guerra (um



inimigo que descobriu, ainda que por acaso, um segredo vital à nossa segurança e à dos nossos camaradas), um inimigo mais perigoso pelo seu conhecimento do que todo o seu exército pelos seus números? Carter Druse ficou pálido. As pernas e os braços começaram a tremer-lhe, sentiu-se tonto e via agora o grupo escultórico diante dele como figuras negras, erguendo-se e caindo, girando irregularmente em arcos de círculo contra um céu incendiado. A mão descaiu-lhe da arma e a sua cabeça começou a baixar lentamente até ele voltar a descansar o rosto nas folhas em que estivera deitado. Esse cavaleiro corajoso e valente soldado estava quase a desmaiar devido à intensidade da emoção.

No entanto, isso não demorou muito tempo. No momento seguinte, o seu rosto já se erguera do solo, as mãos retomaram a sua posição na espingarda, o dedo indicador procurou o gatilho. A sua mente, o coração e os olhos estavam agora limpos, e tinha a consciência e a razão bem claras. Não existiria esperança para que pudesse capturar esse inimigo; e espantá-lo seria o mesmo que o enviar a correr até ao seu campo com essas notícias fatais. O dever do soldado era óbvio: o homem teria de ser alvejado por emboscada, sem aviso, sem um momento para qualquer preparação espiritual, sem uma oração que fosse, antes que o abatessem. Mas não (havia ainda a esperança de que ele nada tivesse descoberto), que talvez estivesse apenas a admirar essa sublime paisagem. Se o deixassem, talvez ele lhe voltasse as costas e se dirigisse a cavalo até ao local donde viera. De facto, seria fácil avaliar, no momento em que ele se fosse embora, se de facto estaria ao corrente dessa presença. Poderia até ser que a sua atenção fixa o tivesse distraído. Druse voltou a cabeça e olhou para baixo, através das camadas de ar, como se estivesse a tentar vislumbrar a profundidade de um mar transparente. Viu então, deslizando pelo prado verde, uma linha sinuosa de homens e cavalos. Um comandante pouco precavido estava a permitir aos soldados da sua escolta dar água aos cavalos em campo aberto, à vista de uma dezena de pontos elevados!

Druse desviou os olhos do vale para os fixar novamente nesse grupo, formado pelo homem e pelo cavalo, desenhado contra o céu, e uma vez mais, fê-lo através da mira da sua espingarda. Mas, dessa vez, o seu alvo era o cavalo. Na sua memória, como se



se tratasse de uma lei divina, soaram-lhe as palavras do pai quando ele partiu: «Não importa o que venha a acontecer, faz sempre o que achares ser o teu dever. » Agora, já se sentia calmo. Tinha os dentes firmes mas não rigidamente fechados e os nervos tão tranquilos como os de um bebé adormecido. Nenhum tremor lhe afectava um único músculo do corpo. A sua respiração, até ter ficado suspensa no acto de apontar a espingarda, era lenta e regular. O dever tinha-se imposto. O espírito dissera ao corpo «Tem calma, mantém-te imóvel.» Foi quando finalmente disparou.

### III

UM OFICIAL DO EXÉRCITO FEDERAL QUE, COM UM ESPÍRITO DE AVENTURA ou numa busca de conhecimento, deixara o bivaque escondido no vale, e que com passadas desastradas abrira caminho até à margem mais baixa de um pequeno espaço aberto, perto do precipício, considerava o que poderia vir a ganhar caso prosseguisse com as suas explorações. A uma distância de meio quilómetro diante dele, mas, aparentemente, à distância de uma pedrada, a gigantesca superfície do rochedo elevava-se de uma franja de pinheiros até uma altura tão elevada que ele se sentiu tonto ao olhar para onde os seus contornos desenhavam uma linha distinta e escarpada contra o céu. O perfil desta apresentava-se bem desenhado e vertical, contra um profundo céu azul até um ponto mais abaixo e até colinas distantes que não deixavam de ser menos azuis, e daí até à copa das árvores na sua base. Erguendo os olhos para a estonteante altitude do seu topo, o oficial viu algo que muito o surpreendeu: um homem a cavalo desfilando pelo ar pelo vale fora!

O cavaleiro estava sentado muito direito, de um modo militar, bem instalado na sela, com uma mão forte nas rédeas para controlar a sua montada num salto tão impetuoso. Na sua cabeça descoberta via-se-lhe o cabelo comprido que se espetava para cima, com a ondulação de uma pluma. As suas mãos estavam escondidas na crina levantada do cavalo. O corpo do animal estava tão equilibrado como se cada casco encontrasse solo resistente



sob os seus passos. O movimento era o de uma extrema galopada, mas, à medida que o oficial o observava, tudo ficou imóvel. As patas do animal lançavam-se agora para a frente como num um salto. Porém, tratava-se de um voo!

Cheio de espanto e terror por essa aparição de um cavaleiro no céu, quase a acreditar ser o escriba eleito para algum novo apocalipse, o oficial ficou dominado pela intensidade das suas emoções. Sentiu as pernas quebrarem-se-lhe e caiu. Quase ao mesmo tempo ouviu um estrondo, vindo do alto de uma árvore, um som que morreu sem eco, e tudo ficou então em silêncio.

O oficial levantou-se. A sensação familiar de uma canela esfolada restituiu-lhe as faculdades embotadas. Retomando o seu autocontrolo, começou a correr rápida e obliquamente da falésia para um ponto distante do seu sopé. Era aí que ele esperava encontrar esse homem, o que acabou por não ser possível. No instante fugidio da sua visão, a sua imaginação fora de tal modo dominada pela graça aparente, facilidade e intencionalidade dessa maravilhosa actuação, que não lhe ocorrera que a linha de marcha da cavalaria aérea é sempre para baixo, e que poderia afinal encontrar o objecto da sua busca no fundo da ravina. Meia hora depois, regressou ao acampamento.

Esse oficial era um homem atilado que sabia que não se poderia pôr a contar, a quem quer que fosse, essa incrível verdade. Assim, não disse nada do que vira. Porém, quando o comandante lhe perguntou se durante as suas observações ele viera a saber algo de útil para a expedição, ele respondeu:

— Sim, meu comandante, não existe estrada que conduza a este vale vinda do sul.

Este, que estava mais bem informado, sorriu.

## IV

**A**PÓS TER DISPARADO O TIRO, O SOLDADO CARTER DRUSE VOLTOU A carregar a espingarda, retomando a sua posição de vigilância. Mal tinham passado dez minutos quando um sargento do Exér-



cito Federal caminhou de gatas até ele. Druse não voltou a cabeça para o observar, mas ficou aí sem se mexer nem dar sinal de ter dado por isso.

— Foste tu quem disparou? — murmurou-lhe o sargento.

— Sim.

— Contra quê?

— Contra um cavalo. Estava ali perto desse rochedo, mesmo à beirinha. Mas, como está a ver, já lá não está. Voou por cima da falésia.

O rosto do homem estava branco, mas não mostrava qualquer sinal de emoção. Depois de responder, desviou os olhos do sargento e não lhe disse mais nada. O seu superior, porém, não percebeu.

— Vê lá bem, Druse — disse ele, após um momento de silêncio —, é melhor não estares com esses mistérios acerca do assunto. Vamos lá ver, estava alguém montado no cavalo?

— Sim, meu sargento.

— E?...

— Era o meu pai.

O sargento levantou-se e acabou por se afastar.

— Meu Deus!... — foi tudo o que conseguiu dizer



## UMA AVENTURA EM BROWNSVILLE

*Esta história foi escrita em colaboração com  
Menina Ina Lillian Peterson, a quem se deverá o crédito da  
qualquer mérito que aqui se possa encontrar.*

**E**U ENSINAVA NUMA PEQUENA ESCOLA RURAL PERTO DE BROWNSVILLE, que, tal como todos os que tiveram a sorte de aí viver tão bem sabem, é a capital de uma grande extensão de terreno onde se podem contemplar as melhores paisagens da Califórnia. Essa cidade é, até certo ponto, frequentada no Verão por uma classe de pessoas que o jornal local tem por hábito designar como «gente em busca de prazer», mas que, de acordo com uma classificação mais apropriada, se deveria designar como «gente doente e com problemas». A cidade de Brownsville poderia ser descrita, com um maior rigor, como sendo uma estância estival para últimas hipóteses. Não lhe faltam casas de hóspedes, na menos perniciosa das quais eu desempenhava todos os dias (dado que almoçava na escola) o humilde ritual de cimentar uma aliança entre corpo e alma. Desde essa «hospedaria» (como o jornal local gostava de lhe chamar, quando não se lhe referia como um «caravançarai») até à escola, a distância pela estrada de terra batida era de cerca de três quilómetros, porém, havia um atalho, que muito poucos usavam e que aí conduzia, atravessando um grupo de colinas não muito altas e densamente arborizadas, que reduzia consideravelmente essa distância. Era por esse atalho que eu estava a regressar numa noite, mais tarde do que o habitual. Era o último dia do semestre e eu ficara no meu local de trabalho quase até ao anoitecer, preparando as contas para serem mostradas aos delegados escolares. Dois deles, reflectira eu, seriam capazes de as ler, e o terceiro (uma instância do domínio da mente sobre a matéria) tornar-se-ia irrelevante dado o seu tradicional antagonismo em relação ao mestre-escola.

Ainda não percorrera mais de um quarto do caminho quan-



do, descobrindo um certo interesse no comportamento de uma família de lagartos, que parecia aí viver cheia de uma alegria de répteis (visto ser imune às desgraças que caracterizavam a vida de Brownsville House), me sentei sobre uma árvore tombada, a observá-los. Ao encostar-me, com lassidão, contra um velho tronco nodoso, o crepúsculo adensou-se mais nesses bosques sombrios e um vago quarto crescente, ainda muito fino, começou a derramar uma sombra visível sobre tudo e a tingir as folhas das árvores de uma luz terna mas fantasmagórica.

Ouvi então um som de vozes: a de uma mulher, com um tom zangado e impetuoso, elevando-se contra uma outra, masculina, bem colocada e musical. Tentei esforçar os olhos para poder ver através dessa penumbra que invadira o bosque, esperando conseguir vislumbrar esses intrusos na minha solidão. Contudo, não consegui avistar ninguém. Por alguns metros em cada direcção, tinha uma perspectiva desse atalho, sem interrupções e sabendo que, no raio de um quilómetro não existiria outro caminho, pensei que as pessoas que ouvira se deveriam estar a aproximar, vindas de uma das margens do bosque. Nada mais se escutava para além das vozes, que eram agora de tal modo distintas que eu conseguia ouvir cada palavra. A do homem parecia revelar uma certa zanga, por de mais confirmada dado o assunto da conversa.

— Não vos irei ameaçar mais. Vocês não têm qualquer poder, como muito bem sabem. Deixem as coisas ficar como estão, caso contrário ambas se hão-de arrepender.

— Mas que quer o senhor dizer com isso? — esta era a voz da mulher, que tinha o tom cultivado de uma senhora. — Decerto... não nos iria assassinar...

Não houve resposta. Pelo menos alguma que eu tivesse ouvido. Durante esse momento de silêncio, tentei vislumbrar os interlocutores, pois tinha quase a certeza de que se trataria de um assunto muito grave, no qual os habituais escrúpulos nunca iriam contar. Parecia-me que essa mulher estava em perigo; de qualquer modo, o homem não negara a ideia de a assassinar. Ora, quando um indivíduo está a desempenhar o papel de um potencial assassino, não tem direito a escolher a sua audiência.



Algum tempo depois, vi-os vagamente ao luar por entre as árvores. O homem, alto e magro, parecia-me estar vestido de preto; a mulher usava, tanto quando eu me poderia dar conta, um vestido de um tecido cinzento. É óbvio que ambos ainda ignoravam a minha presença na sombra, embora, por algum motivo, ao retomar essa mesma conversa, falassem já em voz mais baixa, e eu não os conseguia ouvir. Ao olhar, vi que a mulher parecia ter caído de joelhos e erguido os braços, como que numa súplica, a exemplo do que se faz tantas vezes em palco, e nunca, tanto quanto sabia, em outros locais, se bem que não tenha inteiramente a certeza de que ela tivesse feito isso. O homem fixou nela os olhos, estes pareciam brilhar sinistramente ao luar, com uma expressão que me deixou apreensivo, caso ele os fosse voltar para mim. Não sei que impulso me moveu, mas apressei-me logo a sair dessa área no escuro. Nesse momento, ambas as figuras desapareceram. Tentei em vão descobri-las, através dos espaços por entre as árvores e para além de uma quantidade de arbustos. O vento nocturno ciciava nas árvores. Os lagartos já se haviam retirado, os répteis têm hábitos exemplares. Uma pequena Lua estava já a desaparecer, por detrás de uma colina negra a oeste.

Fui para casa, com a mente um pouco perturbada, já duvidando se teria visto ou ouvido mais alguma coisa, para além dos lagartos. Tudo me parecia bastante estranho e misterioso. Era como se, entre os vários fenómenos, objectivos e subjectivos, que poderiam ter constituído esse incidente, tivesse existido um elemento de incerteza que tivesse tingido tudo isso com o seu carácter dúbio, que tivesse fermentado toda essa massa enchendo-a de irreabilidade. Havia aí algo, de facto, que em nada me agradava.

Na manhã seguinte, à mesa do pequeno-almoço, reparei num rosto novo. À minha frente, sentava-se uma mulher ainda jovem, para a qual me limitei apenas a olhar no momento em que me sentei. Ao falar, com a alta e poderosa personagem feminina que parecia condescender em servir-nos, essa rapariga em breve me chamou a atenção devido à natureza da sua voz, que era como, mas não bem como, a que ainda murmurava frases na minha memória da aventura do prévio começo de noite. Momentos



depois, uma outra rapariga, poucos anos mais velha, entrou na sala e sentou-se à esquerda da primeira, desejando-lhe um simpático «Bom dia». A sua voz sobressaltou-me. Era sem dúvida a mesma de que a voz da primeira rapariga me lembrara.. Aí estava a senhora desse incidente na floresta, materialmente sentada diante de mim, «viva e de boa saúde no seu vestido».

Tornava-se por demais evidente de que se tratavam de duas irmãs. Com uma nebulosa forma de apreensão que eu pudesse ser reconhecido como o herói mudo e inglório que, na minha consciência começava a adquirir o carácter de os ter estado aí a espreitar, apenas tomei, antes de abandonar a mesa, uma apressada chávena de café morno, que me fora trazida pela presciente empregada, como que para me salvar dessa situação. Ao sair de casa para o campo exterior, ouvi a voz forte e bem colocada de um homem a cantar uma ária do *Rigoletto*. Terei de dizer que esta era cantada de um modo extremamente requintado, se bem que houvesse algo nessa interpretação que me desagradasse, ainda que eu não conseguisse explicar como nem porquê, de modo que não demorei a afastar-me.

Ao regressar ao fim desse dia, vi a mais nova das duas senhoras de pé no alpendre e, perto dela, o homem alto vestido de preto, o homem que eu já esperava ver. Durante todo o dia, o desejo de poder vir a saber qualquer coisa acerca dessas pessoas intensificara-se na minha mente, e estava agora resolvido a saber tudo o que conseguisse acerca das mesmas, de uma forma que não parecesse demasiado rude nem pudesse tingir a minha honra.

O homem estava a falar casual e afavelmente para a sua companheira, mas, ao ouvir o som dos meus passos no cascalho, interrompeu logo o que estava a dizer e, ao voltar-se, olhou-me intensamente no rosto. Ele era, segundo me pareceu, um homem de meia-idade, moreno e invulgarmente bem-parecido. O seu modo de vestir era impecável, o seu porte grácil e fluido, e o olhar que me dirigiu não tinha quaisquer marcas de impaciência ou indelicadeza. Não obstante, afectou-me com uma emoção distinta que, submetida a uma análise subsequente, segundo me recordo ainda, parecia ter um misto de ódio e de receio... recuso-me



a chamar-lhe medo. Um segundo depois, o homem e a mulher tinham desaparecido. Pareciam recorrer a um truque de magia para o fazerem. No entanto, ao entrar em casa, vi-os ao passar diante da porta aberta da sala de estar. Tinham meramente saído e aí entrado através de uma porta envidraçada que existia ao mesmo nível do alpendre.

Quando cuidadosamente «interrogada» acerca desses novos hóspedes, a minha senhoria não se mostrou rogada. Reafirmados novamente com alguma reverência às normas gramaticais, os factos eram os seguintes: as duas raparigas eram Pauline e Eva Maynard, de São Francisco; a mais velha era a Pauline. O homem chamava-se Richard Benning e era o tutor de ambas, pois fora o amigo mais íntimo do pai delas e este já tinha falecido. O Sr. Benning trouxera-as até Brownsville na esperança de que o clima das montanhas pudesse beneficiar Eva, que se julgava estar à beira de contrair uma tuberculose.

Sobre esses breves e simples anais, a senhoria teceu imensos elogios e floreios capazes de atestarem, sem sombra de dúvida, a habilidade do Sr. Benning para pagar pelo melhor que essa casa lhes teria para oferecer. Que ele tinha um bom coração era evidente para ela, dado o modo como se mostrava dedicado a essas duas pupilas de grande beleza, e a sua comovente solicitude, sempre que se tratava de assegurar o conforto de ambas. Julguei que tais provas seriam insuficientes e não tardei a encontrar o veredicto escocês: «Não foi provado.»

Decerto, o Sr. Benning revelava uma grande dedicação pelas suas pupilas. Nos meus passeios pelo campo, encontrava-os frequentemente (por vezes, na companhia de outras pessoas que tinham alugado quartos na hospedaria), explorando as ravinas, a pescar, praticando tiro ao alvo; e outras, tentando expulsar a monotonia da vida no campo. E embora os tivesse observado, tanto quanto as normas da boa educação o permitem, nada vi que pudesse justificar de modo algum as estranhas palavras que eu ouvira por acaso no bosque. Já me tornara um conhecido dessas jovens senhoras e podia mesmo, sem qualquer hesitação, trocar olhares e até cumprimentos com o seu protector.



Passou-se um mês, e eu quase já não me interessava por esse assunto, quando, uma noite, toda a nossa pequena comunidade ficou muito excitada devido ao acontecimento que acabou por me recordar vivamente o já referido episódio na floresta.

Tratava-se da morte da rapariga mais velha, Pauline.

As irmãs ocupavam o mesmo quarto no segundo andar da casa. Ao acordar numa manhã cinzenta, Eva deu-se conta de que Pauline estava morta ao seu lado. Mais tarde, quando a pobre rapariga já se encontrava a chorar junto ao corpo, entre uma multidão de pessoas muito impressionadas, se bem que não muito contristadas, o Sr. Benning entrou no quarto e pareceu prestes a segurar-lhe na mão. A rapariga mais nova desviou-se então da falecida, para se dirigir lentamente até à porta.

— Foi o senhor! — disse ela. — O senhor foi o responsável por isto! Não há dúvida! Não tenho dúvida!...

— Ela está a delirar — disse ele, em voz baixa. Seguiu-a, passo a passo, enquanto ela se retirava, com os olhos fixos nos dela e com um olhar persistente no qual nada havia de ternura ou de compaixão. Ela parou. A mão que levantara, como que para o acusar, caíra-lhe ao lado do corpo; as suas pupilas dilatadas contraíram-se visivelmente; as pálpebras cerraram-se lentamente sobre as mesmas, velando assim a sua beleza estranha e indomada; e ela ficou sem se mexer e tornou-se quase tão pálida quanto a rapariga morta que estava estendida não muito longe. O homem segurou-lhe na mão e pôs-lhe levemente o braço nos ombros, como que para a apoiar. De súbito, ela irrompeu numa fúria de lágrimas, pressionando o seu corpo contra o dele, do modo como uma criança se agarraria à mãe. Ele sorriu, com uma expressão que muito me desagradou (quem sabe se qualquer sorriso por parte dele não teria provocado o mesmo efeito), e conduziu-a lentamente para fora do quarto.

Houve um inquérito, seguido do resultado do costume: a doente, segundo parecia, morrera devido a uma «doença de coração». Isto era antes de se terem inventado os ataques de coração, se bem que tivesse sido talvez um destes que tivesse vitimado a pobre Pauline. O seu corpo foi embalsamado e levado para São



Francisco por alguém aí chamado especificamente para essa tarefa, e sem que Eva ou Benning o tivessem acompanhado. Certas más-línguas da hospedaria acharam tudo isso muito estranho e alguns dos mais atrevidos foram mesmo ao ponto de pensarem que, de facto, era mesmo *muito estranho*. Contudo, a boa da senhoria tentou pôr termo a tais considerações, justificando tal atitude com a saúde fraca de Eva. Não consta que nenhuma das duas pessoas, aparentemente mais afectadas, tivesse dado alguma explicação.

Numa noite, cerca de uma semana após essa morte, saí para a varanda da hospedaria para ir buscar um livro que aí tinha deixado. Sob as trepadeiras, saindo para o luar desde o local em que se encontrava, vi Richard Benning. Já estava à espera que ele aparecesse ao ouvir momentos antes a voz baixa e doce de Eva Maynard, que estou a ver neste momento de pé, diante dele, com uma mão pousada no seu ombro e os olhos, tanto quanto me poderia aperceber, fixos nos dele. Richard pegou na mão dela e inclinou a cabeça com uma elegância e uma dignidade singulares. A atitude de ambos fazia lembrar a de dois amantes e, enquanto eu me ocultava na espessa sombra para os observar, senti-me ainda mais envergonhado do que na memorável noite no bosque. Estava prestes a retirar-me quando a rapariga falou, e o contraste entre a sua atitude e as suas palavras era tão surpreendente que acabei por aí ficar, talvez porque me tivesse esquecido de me ir embora.

— O senhor irá apoderar-se da minha vida — disse ela —, tal como da de Pauline. Conheço as suas intenções tão bem quanto o seu poder, e não lhe peço nada, apenas que acabe o seu trabalho sem demoras desnecessárias e me deixe ficar em paz.

Ele não respondeu. Apenas se limitou a largar a mão que segurava, a retirar a outra do seu ombro e, depois de lhe ter voltado as costas, a descer os degraus que conduziam ao jardim, para depois desaparecer entre os arbustos. Contudo, um momento depois, aparentemente a uma grande distância, ouviu-se a sua voz clara e bem colocada entoar um cântico bárbaro que, à medida que o ia escutando, começava a trazer, até a um sentido de espírito interior, a consciência de um povo estranho e distante, de-



tentor de poderes proibidos. Esse cântico quase me hipnotizou, porém, logo que chegou ao fim, retomei os meus raciocínios e apercebi-me prontamente do que me pareceu ser uma oportunidade. Saí da minha sombra e aproximei-me do local onde se encontrava a rapariga. Ela voltou-se e olhou para mim, com uma expressão que me fez lembrar a de um lebre acossada. Quem sabe se a minha intrusão não a teria assustado...

— *Menina* Maynard — disse eu —, peço-lhe encarecidamente que me diga quem é esse homem com quem estava a falar e qual a natureza dos seus poderes sobre si. Talvez esteja a ser indelicado, mas esta não é uma questão que mereça ser rodeada de muitas delicadezas. Quando uma senhora está em perigo, qualquer cavalheiro tem o direito de agir.

Ela ouviu-me sem qualquer sinal de emoção, quase, diria mesmo, sem grande interesse, e, assim que eu terminei, fechou os seus enormes olhos azuis como se estivesse extremamente cansada.

— O senhor nada poderá fazer — observou ela.

Eu peguei-lhe no braço, tentando abaná-la suavemente, como se estivesse a despertar uma pessoa prestes a cair num sono perigoso.

— Terá de sair da situação em que se encontra — disse-lhe eu. — Algo tem de ser feito e terá de me dar a permissão para agir. Ouvia-a dizer que esse homem tinha matado a sua irmã e acredito no que disse... que planeia matá-la, o que também me parece provável.

Ela limitou-se a olhar-me nos olhos.

— Não me querará contar tudo? — acrescentei.

— Mas não há nada que possamos fazer, absolutamente nada, e, mesmo que eu pudesse fazer qualquer coisa, não o faria. Não tem afinal qualquer importância. Só iremos estar aqui mais dois dias, depois vamo-nos embora, oh, para tão longe...! Se observou alguma coisa, peço-lhe que se mantenha calado.»

— Mas isto é uma loucura, *menina* Maynard — comentei de um modo mais brusco, a fim de a arrancar à apatia com que ela tinha vindo a reagir. — Já o acusou de homicídio. Caso não me explique porque o fez, não terei outro remédio senão contactar as autoridades.



Esta minha sugestão fê-la reagir, mas de um modo que em nada me agradou. Levantou a cabeça, com um ar muito orgulhoso, e disse-me:

— Não se meta onde não é chamado, caro senhor. Estas questões não lhe dizem respeito.

— Mas dizem respeito a qualquer pessoa neste país... neste mundo — respondi, com igual frieza. — Se não sente qualquer amor pela sua irmã, eu, pelo menos, preocupo-me consigo.

— Ouça — retorquiu ela, debruçando-se na minha direcção.

— É claro que sentia amor por ela, só Deus sabe!... Mas, mais do que isso... mais do que possa ser credível, eu amo-o a ele. O que o senhor escutou é um segredo, e peço para não usar com a intenção de o poder prejudicar seriamente. Estarei pronta a negar tudo. Será a sua palavra contra a minha, não tenha dúvidas. E tem assim tanta certeza de que as suas autoridades irão acreditar em si?

Ela sorria agora como um anjo e, Deus me ajude!, eu estava completamente apaixonado por ela! Será que ela, através dos vários métodos de adivinhação, conhecidos por todas as mulheres, se teria apercebido dos meus sentimentos? De facto, os modos e a postura tinham-se-lhe alterado completamente.

— Vamos lá — disse ela, de um modo quase impositivo —, prometa-me que não voltará a ser indelicado. — Ela deu-me então o braço, de um modo bastante amigável. — Vamos, irei passear consigo por algum tempo... Ele não irá saber... pois não voltará aqui durante toda a noite.

Para lá e para cá, nessa varanda, caminhámos sob o luar. Ela, segundo parecia, esquecendo-se do seu luto recente, arrulhando como uma pomba e falando, femininamente, de todos os pequenos nada de Brownsville. Eu mantinha-me silencioso, sentindo a consciência um pouco estranha e achando-me já envolvido nessa intriga. Tratava-se para mim de uma revelação que essa criatura encantadora e a quem ninguém poderia apontar um defeito, pudesse tão óbvia e desprendidamente enganar o homem por quem, há apenas um momento, ela dizia sentir e revelar o amor supremo que consegue encontrar ternura e afeição, mesmo na morte.



«Na realidade», pensei eu, com uma minha falta de experiência, «aqui está uma coisa verdadeiramente nova por baixo da Lua.»

E a Lua deveria ter sorrido.

Antes de nos despedirmos, eu arrancara-lhe a promessa de ir dar um passeio comigo na tarde seguinte (antes de se ir embora para sempre) até ao Moinho Velho, uma respeitável antiguidade de Brownsville, erigido em 1860.

— Se ele não se encontrar por perto — acrescentou ela, com uma certa gravidade, à medida que eu desprendia a mão que Eva me estendera ao despedir-se, e a qual, que os bons santos me perdoem, eu tentei em vão voltar a agarrar, logo que ela o disse. Que deliciosa (como o sábio francês tão bem notou) achamos a infidelidade de uma mulher, quando somos o seu objecto e não as suas vítimas. Quanto à distribuição dos seus benefícios, o Anjo do Sono, ignorou-me por completo nessa noite.

Jantava-se bastante cedo Brownsville House e, depois dessa refeição no dia seguinte, a menina Maynard, que não aparecera à mesa, veio ter comigo à varanda, envergando um vestido de passeio e sem dizer palavra. «Ele», segundo me pareceu «não estaria por aí.» Começámos a subir devagar a estrada que conduzia ao Moinho Velho. Aparentemente, ela não era muito forte e, por vezes, dava-me o braço, desprendendo-se dele para o voltar a cercar de um modo assaz caprichoso, segundo pensei. A sua disposição (ou antes, as suas seguidas disposições) era tão mutável como a luz do céu num mar de ondas ligeiras. Ela brincava, como se nunca tivesse ouvido falar de coisas como a morte, e ria-se ao mais ínfimo pretexto, para, logo a seguir, começar a cantar uns quantos compassos de uma grave melodia, com uma tal ternura na expressão que eu sentia-me obrigado a desviar os olhos com medo de que ela pudesse ver o resultado do seu sucesso nas artes, se tal fosse o caso, e não na impiedade, como eu nesse momento me inclinei a pensar. Ela dizia as coisas mais inusitadas do modo menos convencional, contornando por vezes os abismos sem fundo do pensamento, onde eu mal me atreveria a pôr o pé. Em suma, ela era fascinante de mil e uma maneiras e, a cada passo, eu ia executando actos de



loucura cada vez mais insensatos e mais emocionais, indiscrições espirituais cada vez mais ousadas, incorrendo mesmo no risco de ser detido pelo polícia da consciência, por infracções contra a minha própria paz.

Ao chegar ao moinho, ela não parecia querer parar, mas embrenhou-se por um caminho que conduzia a um riacho através de um campo de restolho. Ao atravessarmos uma ponte rústica, continuámos por esse mesmo caminho que começava a subir, conduzindo a um dos locais mais pitorescos da região, ao Ninho da Águia, como lhe chamavam. Tratava-se do cimo de uma escarpa que se elevava a uma altura de várias dezenas de metros por cima da floresta, junto à sua base. Desde esse ponto elevado, tínhamos uma vista aberta de um outro vale e das colinas diante de nós, que brilhavam com os últimos raios do sol poente.

Enquanto íamos vendo luz a subir para planos cada vez mais elevados, fugindo das alastrantes manchas de sombra que enchiam o vale, ouvimos passos e, no instante seguinte, vimos surgir Richard Benning.

— Vi-vos desde a estrada — disse ele, com um ar descontraído. — De modo que decidi vir até aqui.

Reagindo como um parvo, recusei-me a agarrá-lo pela garganta e atirá-lo para cima das copas das árvores lá muito em baixo, tendo, em vez disso, murmurado algo mais de acordo com as normas da educação. O facto de ele ter aparecido provocara na rapariga uma reacção imediata e inegável. O rosto dela ficou dominado pela glória da transfiguração do amor. A luz vermelha do crepúsculo não fora mais óbvia, nos seus olhos, do que o brilho do amor que então a substituíra.

— Sinto-me tão feliz por ter vindo... — disse ela, dando-lhe ambas as mãos. E, Deus me ajude!, ela estava mesmo a dizer a verdade.

Sentando-se no chão, ele começou a dissertar animadamente acerca das flores selvagens da região, algumas das quais ele trouxera consigo. No meio de uma frase empolada, ele parou subitamente de falar e e fixou os olhos em Eva, que se encostara contra



o cepo de uma árvore, arrancando folhas de erva, distraidamente. Ela ergueu os olhos para ele, muito sobressaltada, como se se tivesse dado conta do seu olhar. Então, levantou-se, atirou fora a folhas de erva e começou lentamente a desviar-se dele. Richard também se levantou, continuando a olhar para ela. Ainda tinha nas mãos o ramo de flores. A rapariga voltou-se, como se pretendesse dizer qualquer coisa, mas nada disse. Recordo-me agora com clareza de algo de que eu estava então apenas semiconsciente: o contraste horrível entre o sorriso nos lábios de Eva e a expressão aterrorizada nos seus olhos, logo que ela fitou o olhar dele, fixo e impositivo. Não sei nada do que aconteceu, nem por que motivo não me apercebera disso mais cedo. Sei tão-só que, com um sorriso de anjo nos lábios e essa expressão de terror nos seus belos olhos azuis, Eva Maynard se atirou da escarpa para se estatelar sobre as copas dos pinheiros mais abaixo!

Não conseguirei dizer quanto tempo teria demorado a regressar a essa casa, mas Richard Benning já lá se encontrava, ajoelhado ao lado dessa coisa horrível que fora em tempos uma mulher.

— Está morta... Está mesmo morta — disse ele, com frieza. — Vou até à cidade em busca de ajuda. Se não se importa, faça-me o favor de ficar aqui.

Ergueu-se e começou a afastar-se, mas, de súbito, parou e voltou-se para mim.

— Observou, decerto, meu amigo, que se tratou de um acto de acordo com a vontade dela — observou ele. — Não me pude levantar a tempo para o prevenir, e o senhor, não conhecendo o seu estado mental... não poderia ter suspeitado de que ela pudes-se fazer uma coisa dessas.

Os seus modos enlouqueciam-me.

— Contudo, não deixa de ser o seu assassino — disse eu —, como se as suas mãos malditas lhe tivessem cortado a garganta.

Ele encolheu os ombros, sem me responder, e, voltando-se, foi-se embora. Momentos depois, ouvi, através das sombras profundas do bosque por onde ele desaparecera, uma forte e bem colocada voz de barítono cantando «La donna è mobile» do *Rigoletto*.



## VIGIAR UM MORTO

### I

NUMA SALA DO ANDAR DE CIMA DE UMA CASA DESABITADA, NUMA parte de São Francisco conhecida por North Beach, estava estendido o cadáver de um homem sob um lençol. Eram quase nove da noite e essa sala estava apenas iluminada por uma vela. Embora o tempo estivesse quente, as duas janelas, contrariamente ao costume de rodear os mortos de ar fresco, estavam fechadas e as cortinas corridas. A mobília dessa sala consistia apenas em três peças: uma cadeira de braços, uma pequena estante de leitura com um castiçal onde a vela fora posta, e uma longa mesa de cozinha onde se encontrava o corpo do homem. Tudo isto, juntamente com o cadáver, parecia ter sido trazido para aí recentemente, pois qualquer observador, caso houvesse algum, poderia ter reparado que todos esses objectos não tinham pó, enquanto o resto da sala estava coberto por uma espessa altura do mesmo, vendo-se inclusive teias de aranha aos cantos dessa divisão.

Sob o lençol, poder-se-iam traçar os contornos desse corpo, inclusivamente as feições, revelando estas uma distinta definição pouco natural que parece caracterizar o rosto dos mortos, mas que é apenas comum entre aqueles que foram consumidos pela doença. Dado o silêncio da sala, teríamos decerto inferido que esta não se situava na fachada da casa que dava para a rua. De facto, apenas se poderia avistar dela uma superfície rochosa, dado que as traseiras do edifício se situavam junto à encosta abrupta de uma colina.

Enquanto os sinos da igreja da vizinhança tocavam as nove (com uma indolência que parecia indicar uma total indiferença perante a fuga do tempo, que quase nos poderíamos ter perguntado por que motivo ainda se dariam ao trabalho de soar), a



única porta da sala abriu-se e um homem entrou, avançando em direcção ao cadáver. Ao fazê-lo, a porta fechou-se, aparentemente por si mesma; ouviu-se um som perro, como o de uma chave que rodasse com dificuldade, e o estalo de um trinco, como se este se tivesse desprendido da fechadura. Seguiu-se-lhe um som de passos que se perdiam no corredor exterior. O homem, segundo parecia, era um prisioneiro. Avançando para a mesa, demorou alguns momentos a olhar para o corpo e, em seguida, com um ligeiro encolher de ombros, aproximou-se de uma das janelas para levantar a cortina. A escuridão lá fora era completa, as vidraças estavam cobertas de pó, todavia, ao limpá-lo, ele pôde ver que a janela se encontrava protegida por um gradeamento em ferro, a poucos centímetros do vidro, e bem cravado na alvenaria exterior. Examinou a outra janela. Era igual. Ele não manifestou grande curiosidade em relação a esse facto, nem mesmo as tentou abrir. Se era prisioneiro seria sem dúvida um indivíduo bastante dócil. Após ter acabado de examinar muito bem essa sala, sentou-se na cadeira de braços, retirou um livro do bolso, colocou a estante com a vela a seu lado e começou a ler.

O homem era novo (não teria mais do que trinta anos), moreno, de faces bem escanhoadas e cabelo castanho. Tinha um rosto estreito, um nariz alto e uma ampla testa que revelava uma «firmeza» de queixo e de maxilar que dizem ser característica das pessoas resolutas. Os olhos eram cinzentos e firmes, não se movendo a não ser com uma finalidade específica. Estavam agora, na maior parte do tempo, fixos no livro. Contudo, ele desviava-os por vezes, para os dirigir para o corpo que se encontrava em cima da mesa. Aparentemente, tal não se devia a um sombrio fascínio que o mesmo, sob tais circunstâncias pudesse exercer, mesmo sob a pessoa mais corajosa; nem à rebelião consciente contra a influência contrária que pudesse dominar alguém mais tímido. Olhava antes para esse cadáver como se durante a leitura algo lhe tivesse chamado a atenção para o que o rodeava. Efectivamente, este observador junto ao morto ia mostrando toda a sua autoconfiança com inteligência e compostura, algo que lhe assentava muito bem.



Após ter lido durante talvez meia hora, pareceu ter chegado ao fim de um capítulo e apressou-se a pôr o livro de lado. Depois levantou-se e, pegando na estante de leitura, levou-a até um dos cantos da sala que ficava junto a uma das janelas, retirou a vela que aí se encontrava e voltou a sentar-se, tal como fizera pela primeira vez, diante do fogão apagado de sala.

Um instante mais tarde, aproximou-se do cadáver que estava em cima da mesa, levantou o lençol e destapou a cabeça, expondo uma massa de cabelo escuro e um fino lenço que lhe ocultava o rosto, sob o qual as feições do falecido se mostravam ainda mais bem definidas do que antes. Protegendo os olhos, ao colocar a sua mão livre entre estas e a vela, ficou aí a olhar para o seu imóvel companheiro, com um olhar sério e tranquilo. Satisfeito com esse exame, voltou a tapar o rosto do morto com o lençol e, voltando a sentar-se na cadeira, retirou alguns fósforos do castiçal, meteu-os no bolso lateral do seu casaco desabotoado e sentou-se. Em seguida, retirou a vela do castiçal e olhou para ela muito compenetradamente, como se pretendesse calcular quanto tempo esta poderia ainda durar. A mesma não teria mais do que quatro centímetros, o que significava que, dentro de uma hora, ele se encontraria na mais completa escuridão. Voltou então a colocá-la no seu lugar e apagou-a.

## II

**N**A RESIDÊNCIA DE UM MÉDICO NA KEARNY STREET, TRÊS HOMENS estavam sentados em volta de uma mesa, a beber ponche e a fumar. De facto, já era tarde, quase meia-noite, e essa bebida nunca lhes faltara. O mais grave dos três, o Dr. Helberson, era o anfitrião, e estavam todos sentados nos seus aposentos. Este tinha cerca de trinta anos, os outros eram ainda mais novos. Todos eles eram médicos.

— O temor supersticioso com que os vivos vêem os mortos — disse o Dr. Helberson — é hereditário e incurável. Mas não temos de nos sentir envergonhados por causa disso, mais do que



do facto de podermos ter herdado, por exemplo, uma incapacidade para a matemática ou uma tendência para mentir.

Os outros riram-se.

— Mas será que um homem não deveria ter vergonha de mentir? — perguntou o mais jovem dos três, que era, efectivamente, ainda um aluno de Medicina e não propriamente um médico.

— Mas meu caro Harper, repare que eu nada disse acerca disso. A tendência para a mentira é uma coisa, enquanto mentir é algo totalmente distinto.

— Mas será que você acredita — disse o terceiro indivíduo — que essa impressão supersticiosa, esse medo dos mortos, apesar de nada ter que ver com a razão, é algo de universal? Eu próprio não tenho consciência disso.

— Ah, mas apesar de tudo encontra-se já «no seu sistema» — Necessita apenas das condições apropriadas, a que Shakespeare chamava a «época confederada», para se manifestar de um modo tão extremamente desagradável que lhe poderá abrir os olhos. É claro que os médicos e os soldados são menos sujeitos a esse medo infundado do que as outras pessoas.

— Médicos e soldados... Porque não lhes acrescenta você os carrascos? Creio que deveríamos considerar toda a classe de assassinos...

— Não, meu caro Mancher, os júris nunca permitirão que os carrascos possam adquirir uma familiaridade com a morte a fim de a mesma nunca os afectar.

O jovem Harper, que já fora buscar mais um charuto ao aparrador, voltou a sentar-se.

— Que poderia você considerar como condições, sob as quais qualquer homem ou mulher se tornassem insuportavelmente conscientes das suas fraquezas em relação a esse assunto? — perguntou ele, com toda a sua verbosidade.

— Pois bem... Eu diria que, se um homem ficasse fechado durante toda a noite com um cadáver... sozinho... numa sala às escuras... numa casa desabitada... sem lençóis nem cobertores com que tapar a cabeça... e conseguisse ultrapassar tudo isso sem enlouquecer, talvez ele se pudesse gabar de não ter nascido do



ventre de uma mulher, nem sequer, como MacDuff, de ser o resultado de uma cesariana.

— Pensei que nunca mais fosse parar de enumerar certas condições — observou Harper —, mas eu conheço um homem, que não é médico nem soldado, que poderia aceitar essa experiência por qualquer quantia que pudesse estar disposto a apostar.

— Quem é ele?

— Chama-se Jarette e é apenas um forasteiro. Vem da minha cidade, Nova Iorque. Eu não tenho dinheiro para poder entrar nessa aposta, mas ele não terá quaisquer problemas a esse respeito.

— E como sabe, afinal, todas essas coisas?

— Mais depressa gastaria ele o dinheiro numa aposta do que em comida. Quanto ao medo, atrevo-me a afirmar que ele pensa tratar-se, quando muito, de um problema cutâneo ou, então, de uma heresia.

— E qual é o aspecto dele? — Helberson estava, sem dúvida, a tornar-se cada vez mais interessado.

— É aqui como o do Mancher... Olhem que até poderia ser seu irmão gémeo...

— Aceito o desafio — disse logo Helberson.

— Agradeço-lhe imenso esse elogio, não duvide... — acrescentou Mancher entre dentes e já com um ar ensonado. — Será que não poderei apostar também?

— Não contra mim — esclareceu Helberson —, não estou interessado *no seu* dinheiro.

— Então, muito bem — acrescentou logo Helberson. — Nesse caso, farei de cadáver.

Os outros riram.

O resultado desta louca conversa foi algo que já vimos.

### III

**A**O APAGAR ESSE PARCO COTO DE VELA, O OBJECTIVO DO SR. JARET-te era conservá-lo para uma possível eventualidade. Talvez tivesse pensado também, ou quase, que a escuridão não iria ser



pior numa altura ou noutra, mas, caso a situação se tornasse insuportável, seria melhor ter um modo para lhe escapar ou para aliviar a situação. De qualquer modo, seria recomendável ter uma pequena reserva de iluminação, quanto mais não fosse para que ele pudesse ver as horas.

Logo que apagou a vela e a colocou no chão ao seu lado, sentou-se confortavelmente na cadeira de braços, recostou-se melhor e fechou os olhos, na esperança ou na expectativa de adormecer. Mas acabou por ficar muito desapontado. Nunca na sua vida sentira uma semelhante falta de sono e, ao fim de alguns minutos, acabou por renunciar a essa ideia. Todavia, que poderia ele fazer? Não poderia começar a passear-se nessa absoluta escuridão sem se sujeitar a ir contra objectos que o pudessem ferir, sem se arriscar, de igual modo, a dar um encontrão na mesa, perturbando dessa maneira violenta o sono dos mortos. Todos nós reconhecemos o direito de jazer em paz, resguardados de tudo o que possa ser desagradável ou violento. Jarette foi quase bem-sucedido quando pretendeu acreditar que considerações dessa natureza o impediriam de se arriscar a uma colisão, o que acabou por o confinar a essa cadeira.

Ora, enquanto pensava sobre estas coisas, julgou ouvir um som vago vindo do lado da mesa. Que tipo de som era algo que ele mal conseguiria explicar. Não voltou a cabeça. Por que motivo o deveria fazer no meio dessa escuridão? Mas ouviu. Por que motivo não o ouviria ele? E, ao escutar tudo isso, sentiu-se presa de uma tontura e agarrou com mais força os braços da cadeira. Sentia um estranho zunido nos ouvidos, como se a cabeça estivesse prestes a explodir. Perguntou-se então qual o motivo, ou se tudo isso não seria, afinal sinal de medo. Foi então que, com uma expiração profunda, sentiu o peito afundar-se e, com o grande fôlego com que tentou encher os seus pulmões cansados, essa vertigem abandonou-o, altura em que se deu conta de que, ao tentar escutar tão desesperadamente, quase tinha sustido a respiração ao ponto de quase sufocar. Esta revelação humilhou-o. Levantou-se, desviou a cadeira com o pé e foi até ao centro da sala. Mas não vamos muito longe quando caminhamos



às escuras. De modo que ele tentou tactear as paredes até se ter aproximado de uma esquina e, seguindo a outra parede, seguiu-a para lá das duas janelas, para aí, ao atingir o outro canto da sala, acabar por esbarrar contra a estante de leitura que ele acabou por atirar ao chão. O ruído que esta fez sobressaltou-o, o que o fez ficar muito abespinhado.

— Como diabo me terei esquecido do lugar onde estou? — murmurou para si mesmo, tentando através da terceira parede encontrar o caminho até ao fogão da sala. — Terei de pôr ordem a tudo isto — considerou, apalpando o chão em busca da vela.

Depois de a ter apanhado, acendeu-a e voltou de súbito os olhos para mesa, onde, como seria natural, nada tinha mudado. A estante de leitura ainda estava espalhada pelo chão. Ele esquecera-se de a pôr «como deveria ser». Olhou então através de toda a sala, fazendo recuar as sombras mais opacas com a vela que tinha na mão e, atravessando a sala até a porta, inspeccionou se esta se abria, rodando a maçaneta com toda a força. Esta não se mexeu, o que acabou por lhe trazer uma certa satisfação. De facto, acabou por agarrá-la mais firmemente por um outro fecho em que ele ainda não tinha reparado. Ao voltar a sentar-se na cadeira, olhou para o relógio. Eram nove e meia. Com uma expressão de surpresa, levou o relógio ao ouvido. Afinal não tinha parado. A vela estava agora visivelmente mais curta e ele voltou a apagá-la, colocando-a no chão ao seu lado, como fizera antes.

O Sr. Jarette não estava nada à vontade. Estava claramente desapontado com tudo o que o rodeava e com ele mesmo pela mesma razão. «Que terei eu a recluir?», pensou. «Isto é uma coisa absolutamente ridícula e de mau gosto. Não irei reagir assim como um parvo.» Mas a coragem não nos chega sempre que dizemos «Serei corajoso», nem quando esta se torna mais apropriada a determinada situação. Quanto mais Jarette se autodenegria, mais pensava que poderia ser criticado; de facto, quanto maior era o número de variações que ele executava sobre o mero tema do fazer pacífico dos mortos, mais ia crescendo a discordância das suas emoções.

— Mas que se passa?! — exclamou ele, na angústia do que



ia sentindo. — Que se passa comigo que não tenho qualquer superstição acerca destas coisas?!... comigo, que até nem acredito na imortalidade... comigo que até sei, e nunca com tanta clareza como no instante presente, que a vida após a morte não passa de um sonho e de um desejo... Estarei eu condenado a perder a minha aposta, a honra e o respeito que tenho por mim, talvez mesmo as minhas faculdades mentais, só porque certos antepassados primitivos, que viviam em grutas ou cavernas, conceberam a inusitada noção de que os mortos caminham à noite? Que...

Sem qualquer sombra de erro, o Sr. Jarette ouviu por detrás dele um som abafado de passos discretos, regulares, deliberados e cada vez mais próximos!

#### IV

**M**ESMO ANTES DO NASCER DO DIA, NA MANHÃ SEGUINTE, O DR. HELBERSON e o seu amigo, o jovem Harper, estavam a percorrer calmamente as ruas de North Beach no *coupé* do médico.

— Será que ainda mantém a confiança de um jovem na coragem e na teimosia do seu amigo? — perguntou o homem mais velho. — Acredita então que perdi a minha aposta?

— Sei bem que *a perdeu* — afirmou o outro, com uma ênfase sem convicção.

— Ora, juro pela minha alma, espero bem que...

Fora dito com convicção, quase com uma certa solenidade. Por momentos, houve um breve silêncio.

— Harper — continuou o médico, olhando muito sério por entre essa luz intermitente que penetrava na carruagem, à medida que iam passando junto aos candeeiros de rua —, não me sinto nada bem com esta questão. Se o seu amigo não me tivesse irritado, dado o modo desprezível com que encarou a minha dúvida acerca do tempo que aí conseguiria permanecer, (algo apenas de físico afinal), e dada a sua arrogante falta de civismo, segundo a qual o cadáver teria de ser o de um médico, nem sequer teria



acreditado nele. Se qualquer coisa acontecer, estaremos arruinados, como temo que o deveríamos estar.

— Mas que poderá acontecer? Mesmo se a questão tomar um aspecto mais sério, do qual nada terei a temer, o Mancher terá tão-só de «ressuscitar» e explicar tudo o que se passou. Enquanto, com um espécime legítimo, da sala de dissecação, ou com um dos seus pacientes mais recentes, tudo se poderia ter passado de um modo bem diferente...

O Dr. Mancher tinha seguido à risca o que prometera, fazendo a vez de cadáver.

O Dr. Helberson ficou calado durante muito tempo, enquanto a carruagem, a passo de caracol, ia seguindo pela mesma rua que já percorrera duas ou três vezes. Foi então que comentou:

— Bem, esperemos que Mancher, caso tenha sentido necessidade de regressar do mundo dos mortos, tenha sido também suficientemente discreto acerca do assunto. Um erro, neste caso, poderá tornar as coisas bem piores, em vez de as melhorar...

— Sim — disse Harper. — Jarette poderia matá-lo. Mas repare, caro doutor — observou, logo que a carruagem passou junto a um candeeiro a gás —, finalmente, são quase quatro da manhã...

Um momento mais tarde, abandonaram o veículo e estavam a caminhar rapidamente para essa casa desabitada, que pertencia ao médico, na qual tinham emparedado o Sr. Jarette, de acordo com os termos dessa louca aposta. Ao aproximarem-se, viram um homem correr.

— Podem dizer-me — gritou, abrandando — onde poderei encontrar um médico?

— Que se passa? — perguntou Helberson, sem se comprometer.

— Vá o senhor ver... — disse o homem, retomando a sua corrida.

Eles não se demoraram a fazê-lo. Chegaram à casa e viram que havia pessoas que aí entravam à pressa, muito excitadas. Em algumas casas próximas e do outro lado da rua, as janelas estavam abertas e via-se gente à janela. Todos faziam perguntas sem se importarem com o que os outros perguntavam. Umas quantas



janelas estavam iluminadas e tinham as cortinas corridas, pois as pessoas deveriam estar a vestir-se e a prepararem-se para descer. Precisamente no lado apostado da porta dessa casa que procuravam, um candeeiro de rua derramava uma fraca luz amarelada sobre esse cenário, como se lhe estivesse a dizer que poderia revelar muito mais coisas, se lhe apetecesse. Harper parou à porta e pôs uma mão em cima do braço do companheiro.

— Cabe-nos resolver esta situação, caro doutor — disse ele, muito agitado, o que contrastava estranhamente com essas palavras, ditas de um modo demasiado casual. — Creio que as coisas se acabaram por voltar contra nós. Creio que não deveríamos entrar, mas antes fingir que nada sabemos do que se passa.

— Mas eu sou médico — disse calmamente o Dr. Helberson. — Talvez precisem dos meus serviços...

Subiram os degraus até à porta e estavam quase a entrar. Esta estava aberta e o candeeiro de rua, no lado apostado, iluminava o corredor que para a mesma conduzia. Este estava cheio de homens. Alguns tinham subido as escadas ao fundo e, como lhes negassem o acesso ao andar de cima, estavam à espera de uma oportunidade de aí poderem entrar. Todos falavam e nenhum deles escutava. De súbito, houve uma grande agitação no patamar de cima: um homem tinha saído a correr de uma porta e tentava libertar-se daqueles que o tentavam deter. Depressa desceu, esbarrando contra esses basbaques amedrontados, empurrando-os, quase os entalando de um lado, contra a parede; ou obrigando-os, do outro lado, a apoiarem-se muito ao corrimão, agarrando-os pela garganta, agredindo-os selvaticamente, atirando-os pelas escadas abaixo e pisando os que tinham caído. Tinha as roupas numa desordem e não levava chapéu. Os olhos, inquietos e loucos, albergavam algo mais ameaçador do que a sua aparente força sobre-humana. O rosto, muito bem escanhado, estava completamente pálido e o cabelo tinha-se-lhe embranquecido de súbito.

Quando a multidão ao fundo das escadas, tendo mais espaço, se desviou para o deixar passar, Harper dirigiu-se a ele:

— Jarette! Jarette! — exclamou.



O Dr. Helberson agarrou Harper pelo colarinho e desviou-o. O homem olhou para esses rostos sem parecer tê-los visto e saiu a correr pela porta, descendo os degraus e fugindo pela rua fora. Um polícia corpulento, que não tinha tido muito sucesso ao segui-lo pelas escadas, saiu atrás dele momentos depois, iniciando uma perseguição, com todas as cabeças à janela (agora também as das mulheres e as das crianças) a gritarem para tentarem ajudar o agente.

Agora que as escadas começavam a ficar mais desocupadas, pois grande parte da multidão tinha vindo para a rua, a fim de observar a fuga e a perseguição, o Dr. Helberson subiu até ao patamar, seguido de Harper. Junto a uma porta do andar de cima, um agente da polícia negou-lhe acesso.

— Somos médicos — disse um deles e foram logo admitidos. A sala estava cheia de homens, envoltos em penumbra, que se pareciam reunir em torno da mesa. Os recém-chegados tentaram abrir caminho e olharam por cima dos outros que estavam na primeira fila. Em cima da mesa, com as pernas cobertas por um lençol, estava o corpo de um indivíduo, brilhantemente iluminado pela luz de uma lanterna segurada por um polícia que se encontrava aos seus pés. Os outros, à excepção dos que se encontravam junto da cabeça, e o próprio polícia estavam envoltos em escuridão. O rosto do cadáver tinha um tom amarelado, repulsivo, horrível! Os olhos estavam em parte abertos e revirados e a boca estava aberta. Traços de espuma sujavam-lhe os lábios, o queixo e as faces. Um homem alto, decerto o médico, inclinou-se sobre o corpo com uma mão posta no peito. Em seguida, pôs dois dedos na boca aberta do cadáver.

— Este homem faleceu há cerca de seis horas — disse ele. — Trata-se de um caso para o médico-legista.

Retirou um cartão-de-visita do bolso, deu-o ao polícia e dirigiu-se à porta.

— Que toda a gente evacue a sala! — disse este em voz alta e o corpo desapareceu, como se tivesse sido roubado, logo que a lanterna fez incidir os seus raios de luz sobre os rostos da multidão. O efeito foi surpreendente! Os homens, cegos por essa claridade,



confusos, quase aterrorizados, dirigiram-se todos para a porta, empurrando-se e caindo uns por cima dos outros, enquanto desapareciam como as hostes da Noite diante dos raios de Apolo. O agente continuava a incidir incessante e impiedosamente a luz dessa lanterna sobre essa massa confusa de indivíduos. Levado pela corrente, Helberson e Harper foram empurrados para fora da sala e vieram a rolar pelas escadas até à rua.

— Meu Deus, caro doutor! Não lhe disse que Jarette ainda haveria de o matar? — disse Harper, logo que ambos se libertaram da multidão.

— Creio que sim... — respondeu o outro, sem emoção aparente.

Continuaram a andar em silêncio, à medida que iam percorrendo quarteirão após quarteirão. Contra um horizonte que já mostrava uma luz acinzentada, as residências da população da colina surgiam em silhueta. A familiar carroça do leite já andava pelas ruas, os padeiros em breve entrariam em cena e os rapazes distribuidores de jornais não iriam demorar.

— Surpreende-me, meu caro — disse Helberson —, que recentemente tenhamos estado ambos de forma contínua expostos ao ar matinal. Precisamos de uma mudança radical. Que me diz a uma viagem pela Europa?

— Quando?

— Não sou esquisito. Creio que, se partirmos esta tarde às quatro, ainda iremos a tempo.

— Encontrá-lo-ei então no barco — disse Harper.

## V

**S**ETE ANOS DEPOIS, ESTES DOIS HOMENS ESTAVAM SENTADOS NUM banco da Madison Square, em Nova Iorque, em alegre cavaqueira. Um outro homem, que já os estava a observar há algum tempo, mas sem ser visto, aproximou-se deles e, retirando para eles cordialmente o chapéu de uma cabeleira de caracóis inteiramente brancos, disse: — Desculpem-me, cavalheiros, mas quando mataram um homem através da ressurreição, seria melhor que



tivessem mudado de roupa, como ele, e que partissem, logo que se vos proporcionasse uma oportunidade para se escaparem.

Helberson e Harper trocaram olhares significativos. Estavam sem dúvida divertidos. O último fitou então delicadamente esse indivíduo estranho nos olhos e respondeu-lhe:

— Esse sempre foi o meu plano. Concorde plenamente consigo em relação às vantag....

Mas, de súbito, calou-se, pôs-se de pé e ficou muito pálido. Via-se que tremia visivelmente.

— Ah! — disse o estranho. — Já vejo que não se está a sentir bem, caro doutor. No entanto, se não se conseguir tratar a si mesmo, estou certo que o doutor Harper o poderá ajudar.

— Mas quem é você afinal? — perguntou Harper brusca-mente.

Esse estranho aproximou-se e, por detrás deles, com uma voz sussurrada, disse:

— Por vezes, vou pelo nome de Jarette, mas não me importo de vos revelar, por amor à nossa velha amizade, que sou o doutor William Mancher.

A revelação fez com que Harper se inteirasse de súbito.

— Mancher! — disse, muito surpreso; e Helberson acrescentou:

— É mesmo verdade, meu Deus...

— Sim — observou o estranho, sorrindo vagamente. — De-certo é verdade, não há dúvida.

Hesitou e pareceu tentar lembrar-se de qualquer coisa, depois, pôs-se a trautear baixinho uma melodia conhecida. Aparentemente, já se esquecera da presença deles.

— Calma aí, Mancher — disse o mais velho dos dois. — Conte-nos apenas o que aconteceu nessa noite, a Jarette, não sei se está a ver...

— Ah, sim, a Jarette... — retorquiu o outro. — É estranho que não lho tenha contado... conto-o tantas vezes... Não sei se estão recordados, mas eu vi logo que ele estava extremamente assustado quando o ouvi falar consigo mesmo. De modo que não resisti a tentação de «ressuscitar» e de me divertir um pou-



co com ele... de facto, não consegui resistir...

Ora, isso estava tudo muito bem, só que nunca me passou pela cabeça que ele fosse levar as coisas tão a sério, tão a peito... Acreditem que não... E, mais tarde, foi bastante difícil trocar de lugar com ele. E não foi só isso. É que, depois vocês, que o diabo vos leve, não me queriam deixar sair!

Nada poderia ter excedido a ferocidade com que essas últimas palavras tinham sido proferidas, e ambos os homens recuaram assustados.

— Nós, mas... mas... — gaguejava Helberson, perdendo inteiramente o seu autocontrolo. — Nós nada tivemos que ver com isso...

— Não vos tinha já dito que vocês eram os doutores Hell-born e Sharper<sup>1</sup>? — perguntou o homem, a rir-se.

— De facto, o meu nome é Helberson e este cavalheiro é o Senhor Harper — observou o primeiro, um pouco mais à vontade com esse bom humor. — Mas já não somos médicos. Agora somos, e talvez não vá acreditar, apostadores e jogadores a dinheiro.

E era verdade.

— De facto, uma ótima profissão... A propósito, espero que aqui o Sharper tenha pagado a Jarette o que lhe era devido, como um honesto jogador de apostas. Uma profissão tão boa e tão honrosa como qualquer outra — repetiu ele, pensativamente, afastando-se de um modo descuidado. — Quanto a mim, agarro-me à mais antiga. Sou a Suprema Autoridade Médica do Asilo para os Doentes Mentais de Bloomingdale. É meu dever curar o superintendente...

---

<sup>1</sup> Trocadilho com o nome dos dois homens, respectivamente, Hell-born (nascido no Inferno) e Sharper (o esperto).



## UM CONTEXTO APROPRIADO

### A NOITE

**N**UMA NOITE DE SÃO JOÃO, UM MOÇO EMPREGADO NUMA QUINTA, QUE VIVIA A CERCA de vinte quilómetros de Cincinnati, caminhava ao longo de uma estrada de terra batida através de uma escura e densa floresta. Ele perdera-se em busca de umas vacas que se tinham tresmalhado e, por volta da meia-noite, encontrava-se já muito longe de casa, numa região campestre que ele não conhecia. Contudo, tratava-se de um jovem muito corajoso e, tendo uma noção geral do local em que se encontrava a sua casa, mergulhou nessa floresta sem hesitar, guiando-se pelas estrelas. Ao descobrir essa estrada e ao ver que esta seguia na direcção apropriada, começou a percorrê-la.

A noite estava clara, mas, no bosque, a escuridão era total. Fora mais pelo sentido do tacto do que pelo da visão que ele conseguira seguir caminho. Contudo, também não se poderia ter desviado muito do mesmo, pois o mato e a vegetação de ambos os lados eram de tal modo espessos que se poderia dizer que eram praticamente impenetráveis. Já tinha percorrido quase dois quilómetros quando foi surpreendido ao ver um débil raio de luz brilhar através da folhagem que ladeava o caminho à sua esquerda. Esse facto sobressaltou-o bastante e pôs-lhe o coração a saltar dentro do peito.

«A velha casa do Breede fica algures por aqui», disse para si mesmo. «Este deve ser o outro extremo do caminho que aí deverá conduzir do nosso lado... mas... que diabo estará aí a fazer uma luz?»

Não obstante, continuou a andar. Um momento mais tarde, emergiu da floresta para um pequeno espaço aberto onde cresciam alguns silvados. Viam-se aí pedaços de uma cerca apodre-



cida. A alguns metros do caminho, no meio dessa «clareira», situava-se a casa de onde provinha essa luz, através de uma janela sem vidraças. Esta tivera vidros, em tempos, mas estes, tal como a estrutura onde se encaixavam, tinham há muito sido destruídos por pedras atiradas por rapazes atrevidos, que assim tentavam demonstrar o seu desafio e a sua hostilidade para com o sobrenatural, pois a casa do Breede tinha a má reputação de ser assombrada. Possivelmente, não seria esse o caso, porém, nem mesmo o céptico mais empedernido poderia negar que se encontrava abandonada, o que, numa região rural, queria dizer praticamente a mesma coisa.

Ao olhar para a misteriosa luz vaga que brilhava através dessa janela partida, o rapaz lembrou-se, com apreensão, de que também ele a tinha atingido à pedrada. A sua penitência era contudo inútil, dado que era tardia e irrelevante. Esperava assim ser atacado por todos esses espíritos malévolos do outro mundo, que ele ultrajara, ao ajudar a partir-lhes as janelas e a perturbar-lhes a paz. Apesar disso, esse rapazote teimoso, com as pernas e os braços a tremerem, não arredava pé. O sangue que lhe corria nas veias era forte e enriquecido com o mesmo ferro dos homens que viviam na fronteira das regiões civilizadas. Ele apenas distava duas gerações daqueles que tinham dominado os índios. De modo que continuou a andar ao lado da casa.

Ao fazê-lo, olhou para o espaço que em tempos fora essa janela e viu algo estranho que o aterrorizou: tratava-se de um homem sentado no centro de uma sala, diante de uma mesa coberta com folhas de papel soltas. Os cotovelos apoiavam-se na mesa e as mãos suportavam a cabeça que se apresentava descoberta. De ambos os lados, via-se que tinha os dedos enterrados no cabelo. O rosto revelava um mórbido tom amarelado à luz de uma única vela, desviada para um dos lados da mesa. A chama iluminava-lhe uma metade do rosto; a outra estava imersa na escuridão. Os olhos desse indivíduo estavam fixos nesse espaço vazio da janela, com uma expressão na qual um observador mais velho e experiente poderia ter adivinhado uma certa apreensão, mas que, para o rapaz, parecia revelar



uma total ausência de alma, pois acreditava que o homem estava morto.

A situação era terrível, mas não sem um certo fascínio, e esse jovem parou para se inteirar de todos os detalhes. Sentia-se fraco, a tremer, quase a desmaiar, com o sangue a esvanecer-se-lhe do rosto. No entanto, encheu-se de coragem e avançou para a casa. Não era orientado por um propósito consciente. Tratava-se da simples ousadia do medo. Mergulhou assim o seu rosto empalidecido nessa abertura luminosa. Nesse preciso momento, um estranho grito arrastado, um guincho, irrompeu no silêncio da noite, mas tratava-se tão-só do pio de uma coruja. O homem levantou-se de súbito, fazendo com que a mesa se voltasse e apagando a vela. O rapaz fugiu a correr desenfreadamente.

## O DIA ANTES

— **B**OM DIA, COLSTON. ESTOU COM SORTE, SEGUNDO ME PARECE. Disseste muitas vezes que os meus elogios acerca do teu trabalho literário não passavam de mera delicadeza, e eis-me completamente absorto, fascinado quase, pela tua última história no *Messenger*. Nada menos palpável do que o toque da tua mão no meu ombro me teria feito voltar à realidade.

— A prova é mais forte do que te parece — respondeu o homem que fora interpelado. — Estás tão interessado em ler a minha história que estás disposto a renunciar a todas as tuas considerações egoístas, evitando assim o prazer que dela pudesse retirar.

— Não estou a perceber nada — disse o outro, dobrando o jornal que tinha na mão e metendo-o no bolso. — De qualquer modo, vocês escritores são pessoas muito estanhas. Ora diz-me lá o que fiz ou o que omiti eu nesta questão. De que modo o prazer que dessa história possas tirar, ou possas vir a usufruir, depende de mim?

— De muitos modos, afinal. Deixa-me que te pergunte de que maneira irias gostar do teu pequeno-almoço se o tomasses num eléctrico. Imagina uma grafonola tão perfeita que te trou-



xesse uma ópera inteira: a parte visual, a orquestração, tudo... Acreditas que retirarias muito prazer disso se a ligasses no teu escritório durante as horas de trabalho? Será que te interessarias realmente por uma serenata de Schubert se a ouvisses tocada por um italiano qualquer, num barco de carreira, logo de manhã quando as pessoas vão para os seus empregos? Será que estás sempre preparado e disposto para esse tipo de prazer? E será que as tuas disposições são sempre assim controladas de modo que possas recorrer a elas como quem abre ou fecha uma torneira? Deixa-me que te lembre, meu caro, que a história que me fizeste a honra de começar a ler, a fim de te esqueceres dos desconfortos deste meio de transporte, era uma história de fantasmas!

— Pois bem...

— Sim! Será que o leitor não tem nenhuns deveres capazes de corresponderem aos seus privilégios? Pagaste cinco cêntimos por esse jornal. É teu. Tens o direito de o ler quando e onde te apetecer. Muito do que se encontra nele não é ajudado nem prejudicado pelo tempo, pelo lugar ou pela disposição pessoal de cada um. Algumas coisas exigem mesmo ser lidas de imediato, enquanto estão bem quentes. Mas a minha história nada tem que ver com isso. Não se trata, com efeito, das «últimas novidades» acerca da Fantasmagoria. Ninguém irá esperar que te mantendas ao corrente do que se passa no reino das almas do outro mundo. O assunto poderá esperar até que tenhas tempo de te pores na disposição apropriada, dada a essência dessa peça. O que me atrevo a dizer, com todo o respeito, que não poderá ser num eléctrico, mesmo que sejas o único passageiro... Não se tratará de modo algum da solidão apropriada. Um autor tem direitos que o leitor terá de respeitar.

— Tais como, por exemplo...?

— A atenção exclusiva por parte do leitor. Negar-lhe isso seria imoral. Fazeres com que o autor compartilhe a tua atenção com a trepidação de um eléctrico, com o panorama em movimento da multidão nos passeios, ou com os prédios por detrás dessas mesmas pessoas, com alguma das mil distrações que formam o nosso habitual dia a dia, é tratá-lo de uma forma ab-



solitamente injusta. Meu Deus! Chega mesmo a ser uma coisa infame!

O indivíduo que assim falara tinha-se levantado e tentava equilibrar-se, agarrando-se a uma das correias que pendiam do tecto do eléctrico. O outro homem olhava para ele muito admirado, pensando por que razão uma questão tão trivial poderia dar lugar a um arrazoadado dessa natureza. Reparou que o rosto do amigo estava estranhamente pálido e que os olhos lhe brilhavam como brasas acesas.

— Estás farto de saber o que quero dizer — continuou o escritor, prosseguindo na sua costumeira torrente de palavras. — Sabes muito bem o que quero dizer, Marsh. O que escrevi no jornal desta manhã está claramente subintitulado «Uma História de Fantasma». Creio que é quanto basta para esclarecer toda a gente. Cada ilustre leitor poderá percebê-lo como prescrevendo, implicitamente, as condições em que um trabalho como esse deverá ser lido.

O homem a quem tinham chamado Marsh franziu um pouco o sobrolho e depois perguntou-lhe, com um amplo sorriso:

— Mas de que situações estarás tu a falar? Sabes bem que não passo de um simples homem de negócios que, em princípio, nada percebe dessas coisas. Quando e de que modo deverei eu então ler a tua história de fantasmas?

— Sozinho. À noite. À luz de uma vela... Há certas emoções que um autor não terá dificuldade em despertar, tais como a alegria ou a compaixão. Poderei pôr-te a rir, ou às gargalhadas, em quase todas as circunstâncias. Contudo, para de a minha história de fantasmas possa resultar, terás de sentir medo, pelo menos uma forte impressão do sobrenatural, e isso não é nada fácil. Terei o direito de esperar que, se me fores ler, me dês também uma oportunidade, que te permitas sentir todas as emoções que eu tento desencadear.

O eléctrico chegara agora à última paragem e já tinha parado. O percurso que acabara de percorrer era o primeiro desse dia, de modo que a conversa desses dois primeiros passageiros nunca fora interrompida. As ruas ainda estavam silenciosas e



desertas. O topo das casas acabara de ser aflorado pelo sol nascente. Ao saírem desse transporte público, começaram a andar juntos, com Marsh a observar de perto o seu companheiro que se dizia, tal como muitos homens de invulgar habilidade literária, dependente de vários vícios destrutivos. Esta é a vingança que as mentes mais opacas exercem sobre as mais brilhantes, quando ressentidas pela sua superioridade. O Sr. Colston era conhecido como um homem de génio. Há pessoas honestas que vão ao ponto de acreditarem que o génio é um modo de excesso. Sabia-se que Colston não tomava bebidas alcoólicas, mas dizia-se que ingeria ópio. Algo na sua aparência nessa manhãum certo brilho nos olhos, uma palidez pouco comum, uma espessura na voz muito rápida fora visto pelo Sr. Marsh como traços capazes de confirmar esses rumores. Contudo, ele não tinha a auto-abnegação suficiente para abandonar um assunto que acreditava ser interessante, não importava quanto este pudesse enervar o amigo.

— Queres tu dizer — começou ele — que, se me der ao trabalho de observar as tuas sugestões, de me colocar na situação que mencionaste: solidão, noite e um coto de vela, poderás, com o teu trabalho fantasmagórico, dar-me uma desconfortável sensação do sobrenatural, tal como lhe chamaste? Será que poderás fazer com que o meu pulso se acelere, com que me sobressalte devido a ruídos inesperados, provocares-me um arrepio de frio pela espinha e fazer com que o meu cabelo se ponha em pé?

Colston voltou-se subitamente e olhou-o nos olhos, enquanto caminhavam.

— Não te atreverias... Creio que não tens essa coragem — observou ele. E deu ênfase a essas palavras com um gesto de desprezo. — És suficientemente corajoso para me leres num eléctrico; no entanto, numa casa abandonada... sozinho... no meio de uma floresta... à noite! Ora! Não acredito... Tenho aqui um manuscrito no bolso que daria cabo de ti.

Marsh estava zangado. Considerava-se um homem corajoso e essas palavras incomodaram-no bastante.

— Se conheceres um lugar assim — sugeriu ele —, leva-me



até lá esta noite e deixa-me ficar com a tua história e uma vela. Virás depois buscar-me logo que eu tenha tempo suficiente para a ter lido, de te contar todo o enredo e de te dar um pontapé.

Foi assim que esse moço empregado numa quinta, ao olhar pela janela sem vidraças da casa do Breede, viu um indivíduo sentado à luz de uma vela.

### O DIA SEGUINTE

**A**LGUMAS HORAS DEPOIS, NA TARDE DO DIA SEGUINTE, TRÊS HOMENS e um rapaz aproximaram-se da casa do Breede, vindos do mesmo ponto na bússola para o qual o rapaz fugira na noite anterior. Os homens estavam muito bem-dispostos, falavam muito alto e riam-se. Faziam comentários irónicos e facciosos para o rapaz acerca da sua aventura, na qual, como seria de esperar, eles não acreditavam. O rapaz aceitava muito sério as piadas deles, não se atrevendo sequer a responder-lhes. Tinha um sentido da realidade das coisas e acreditava que alguém que jurasse ter visto um homem morto levantar-se de uma cadeira e a atirar uma vela para o chão não seria uma testemunha credível.

Ao chegar à casa e ao ter descoberto a porta destrancada, esse grupo de investigadores entrou sem cerimónia. No corredor para onde essa porta dava, via-se uma divisão à direita e uma outra à esquerda. Entraram na divisão à esquerda, a que tinha a janela da frente sem vidraças, e aí se depararam com o cadáver de um homem.

Estava estendido um pouco de lado, com o braço por baixo dele e a face contra o chão. Os olhos ainda estavam muito abertos, o que não era uma coisa agradável de se ver. O maxilar inferior estava descaído e uma pequena mancha de saliva formara-se-lhe por baixo da boca. Uma mesa de pernas para o ar, uma vela parcialmente ardida, uma cadeira e uns papéis escritos era o restante que essa sala continha. Os homens olharam para esse corpo, tocando-lhe à vez no rosto. O rapaz manteve-se junto à cabeça, como se fosse dono de tudo



aquilo. Fora até então um dos momentos mais importantes da sua vida.

— Afinal, tinhas razão... — Tratava-se de um comentário que fora recebido pelos outros dois homens com um sinal afirmativo. Era o Cepticismo a pedir desculpa à Verdade. Esse mesmo homem levantou do chão as folhas do manuscrito e começou a andar em direcção à janela, pois as sombras do crepúsculo já começavam a adensar-se na floresta. Ouviu-se ao longe o cantar de um noitibó e um insecto gigantesco passou em frente da janela, com um zumbido forte de asas, antes de desaparecer. O homem leu:

### O MANUSCRITO

« **A**NTES DE COMETER O ACTO, QUE PODERÁ ESTAR CERTO OU ERRADO, e resolver aparecer perante o Senhor para o seu divino julgamento, eu, James R. Colston, juro ser meu dever como jornalista afirmar o que se segue perante o público. O meu nome é, segundo penso, razoavelmente conhecido pelas pessoas como sendo o de um escritor de histórias trágicas. Porém, a imaginação mais sombria nunca concebeu nada tão trágico como a história da minha própria vida. Não por uma questão de incidentes, pois a minha existência sempre foi desprovida de acção e de aventura. A minha carreira mental, no entanto, tem sido medonha, com experiências envolvendo morte e maldição. Não me cabe contá-las aqui, pois algumas já estão escritas e prontas a serem publicadas em outros lados. O objectivo destas minhas linhas será o de explicar, a quem possa estar interessado, que a minha morte é voluntária, ou seja, um acto provocado por mim. Morrerei à meia-noite, na noite de 15 de Julho, uma data que me é importante, pois foi nesse dia e a essa mesma hora que o meu amigo no tempo e na eternidade, Charles Breede, me fez juramento, através do mesmo acto que a fidelidade ao que ambos determinámos exige agora de mim. Ele pôs fim à própria vida na sua pequena casa dos bosques de Copeton. Houve o habitual veredicto de «loucura



momentânea». Se eu tivesse testemunhado no inquérito, se lhes tivesse contado tudo o que sabia, decerto iriam pensar que eu também tinha enlouquecido!»

Aqui, seguia-se uma longa passagem que o homem que estava a ler manteve apenas para si. O resto leu em voz alta.

«Ainda tenho uma semana de vida para poder tratar das minhas últimas disposições e para me preparar para essa grande mudança. É o suficiente, pois não tenho muitos assuntos a tratar e já se passaram quatro anos desde que a morte se tornou para mim uma obrigação imperativa.

»Terei então comigo estes papéis, e peço à pessoa que os encontrar que o entregue ao médico-legista.

*JAMES R. COLSTON*

»P. S. — Eu, Willard Marsh, nesta fatal data de 15 de Julho, dou-vos este manuscrito, para ser aberto e lido sob as condições acordadas, no local que designei. Desisto da intenção de o manter num dos meus bolsos, a fim de explicar a causa da minha morte, o que não me parece importante. Servirá apenas para explicar a tua. Assim, irei visitar-te durante a noite para me assegurar de que leste o manuscrito. Conheces-me suficientemente bem para saberes que o farei. Mas, meu amigo, será após a meia-noite. Que Deus se apiede das nossas almas...

*J. R. C.»*

Antes de o homem ter acabado de ler este manuscrito, alguém levantara do chão a vela para a acender. Logo que o homem acabou de ler, aproximou esse mesmo manuscrito da chama e, apesar do protesto de todos os outros, esperou até que este se transformasse em cinzas. O indivíduo que tal fizera, e que em seguida teve de suportar calmamente uma severa repreensão do médico-legista, era genro do falecido Charles Breede. Durante o inquérito ninguém chegou a qualquer conclusão acerca do conteúdo desses papéis.

...



### RETIRADO DO *TIMES*

«Ontem o Comissário para os Alienados ordenou que o Sr. James R. Colston, um escritor bem conhecido localmente, fosse internado num asilo, devido a assuntos relacionados com o *Messenger*. Poderão estar lembrados que, na noite do corrente dia 15, o Sr. Colston foi entregue às autoridades por dois dos seus colegas hospedados na Baine House, que o observaram a agir de um modo extremamente suspeito, pondo a garganta bem à mostra e aafiando uma navalha, testando por vezes essa lâmina na pele do braço, etc. Ao ser entregue à Polícia, o infeliz indivíduo reagiu de uma forma violenta, de modo que foi necessário metê-lo num colete-de-forças. Muito dos nossos estimados escritores contemporâneos, contudo, ainda se encontram a monte.»